



PÂNICO DIGITAL

Em meio às ameaças de uma nova enchente na região, blumenauenses precisaram separar a informação verdadeira dos boatos que inundaram as redes sociais no começo de junho. **Pág. 4**

a PARTE

Jornal laboratório do curso de
Jornalismo da FURB
Universidade Regional
de Blumenau | Ano II - nº 3
Junho/Julho de 2017
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Falta de patrocinadores põe em risco esportes coletivos em Blumenau

Páginas 23

Entrevista com Mary Hooks,
militante do movimento
negro dos EUA

Páginas 11 a 13

Ramiro recebe meio
milhão de visitantes
todo ano

Página 19

Blumenau no alto do
ranking de suicídios

Página 5

A crise e o papel do
jornalismo político

Página 21

Caderno
especial reúne
reportagens internacionais

Páginas 7 a 18



Opinião

Editorial

Produzir um jornal laboratório é sempre um desafio. Em uma equipe responsável pela edição formada por poucos estudantes, então, parecia impossível. Mas não nos deixamos vencer por esse obstáculo e tornamos as palavras de nossa coordenadora, Roseméri Laurindo, realidade: “nosso curso não preza pela quantidade, e sim pela qualidade”.

Além de criar um jornal que nos representasse, decidimos inovar e produzir um ca-

dero especial para a terceira edição do **aParte**. Resolvemos ir além do espaço da Furb e de Blumenau e apresentamos um caderno internacional, com fontes e matérias fora do nosso cotidiano.

Destaque para as matérias produzidas fora do Brasil, como a reportagem de Luisa Padilla, que está em intercâmbio na Dinamarca pela Furb e trouxe suas impressões sobre o país escandinavo. João Pedro compartilhou suas experiências na África do Sul, onde

esteve para fazer trabalho voluntário. A editora chefe, Alice, por sua vez, trouxe uma narrativa sobre intercâmbio de trabalho na Califórnia.

A publicação também é muito especial para os calouros, já que proporciona uma primeira oportunidade de publicar matérias em um veículo jornalístico – e não faltou espaço para eles, que escreveram sobre os mais diversos assuntos. É com a contribuição de todo o curso que apresentamos o **aParte** número três.

Charge



Cara gente branca*

João Pedro Fraissat de Moura

Eu sei que esse título pode te assustar, bem como a nova série da Netflix. Como negro, entendo que ser reduzido a uma generalização com base na raça é uma experiência nova e devastadora para alguns. Mas eis a diferença: as piadas sobre brancos não prendem e não matam seus jovens a níveis alarmantes, nem tornam você um suspeito ao andar no seu próprio bairro à noite. Mas as “piadas” sobre negros que alguns de vocês fazem, sim. Quando zombam ou nos menosprezam, vocês reforçam um sistema racista, opressor e de supremacia branca existente. Policiais apontando a arma para um negro não enxergam um ser humano. Eles veem uma caricatura. Um bandido. Um vagabundo. Um preto. Um crioulo.

Porém, deixe eu contar uma novidade: essa série não é sobre vocês. Não, nenhum pouco. Essa série é sobre nós, negros, do começo ao fim. De como somos estereotipados, abusados, violentados, perseguidos e ainda assim temos forças e coragem para resistir em uma sociedade branca opressora. “Cara Gente Branca” é sobre as inúmeras possibilidades de ser negro, discutindo a maneira de como somos e como nos mostramos ao mundo. Nossas divergências e humanidade, sendo militantes ou não. Negros com múltiplos ideais e percepções sociais do mundo, diversas tonalidades de pele e integrantes de diferentes núcleos e coletivos, mas unidos pela luta contra o racismo no ambiente universitário.

A série ainda traz à tona temas como relacionamentos in-

ter-raciais, colorismo, a carga da militância diária, hiperssexualidade de corpos negros e os tantos modos que o racismo se mostra – seja estrutural, religioso, ou no convívio interpessoal. Seja na ridícula e altamente racista festa do “Liberte o seu negro interior” ou quando incriminam Sam White (protagonista da série) do incabível “racismo reverso”. A produção mostra ainda, de maneira pesada e tensa, que um diploma acadêmico e uma classe social mais favorecida não salvam o povo negro de ser mártir da violência policial.

“Cara Gente Branca” causa tanto incômodo à branquitude porque os brancos não são vistos como personagens centrais de uma trama e porque toca na ferida do racismo de maneira explícita e direta. Pela primeira vez, vocês brancos não fazem parte da maioria. Incomoda, pois 95% do elenco da série são pessoas negras. Incomoda porque por dez episódios de 30 minutos cada, as histórias não são contadas sob os seus pontos de vista.

Talvez assim, quem sabe, vocês compreendam um pouco de como é ser negro no mundo (principalmente em uma cidade predominantemente branca como Blumenau). Ou não... Ou apenas vão tornar público e passar muita vergonha nas redes sociais escrevendo como a série é “racista reversa” e como demoniza os brancos, até promoverem um boicote ao Netflix. Caso você se identifique pela segunda opção, que pena... Muito provavelmente você precisa permanecer mais alguns anos na faculdade.

*Série americana que estreou no Netflix no dia 28 de abril de 2017.



Jornal Laboratório

Ano II- Nº 3

Junho de 2017

Endereço:

Rua Antônio da Veiga, 140 –

Bairro Victor Konder

CEP – 89030-903 – Blumenau/SC

Telefone: 47 3321-0235

Reitor da FURB

Prof. Dr. João Natel Pollonio

Machado

Vice-Reitor

Prof. Ms. Udo Schroeder

Diretor do CCHC

Prof. Dr. Celso Kraemer

Professores-coordenadores do

jornal laboratório

Profª. Dra. Roseméri Laurindo

Prof. Dr. Sandro Galarça

Editora-chefe

Alice Kienen Gramkow

Editora Executiva

Renata Moreira Westphal

Repórteres

Alice Kienen Gramkow, Edemir

Júnior, Felipe Junior, Gabriela

Rebello Zimmermann, Gregory

Martins, Isabella Ventura Kucher,

Isadora Brehmer, João Pedro Fraissat de Moura, Júlia Gabriela Vanderlinde, Luisa Padilla, Maria Júlia Spengler, Márcia França Leoni, Mateus Porto Calson, Nicolle Rafaela Campos, Raphael Carrasco Garcia, Renata Moreira Westphal, Sávio James, Vanessa Eskelsen, Victor Vinicius de

Santana Palmeira,

Yoana do Carmo.

Diagramadores

Alice Kienen Gramkow,

Bárbara Marciniak, Felipe

Junior, Fernando Fagnani,

Isabella Ventura Kucher, João

Pedro Fraissat de Moura, Maria

Júlia Spengler, Renata Moreira

Westphal.

Reforma do Ensino Médio gera discussão

Medida provisória elaborada pelo Ministério da Educação em debate no Universidade Aberta

Gregory Martins
Mateus Porto Calson

Alvo de protestos em todo o país, a reforma do ensino médio, sancionada em fevereiro, prevê mudanças bruscas na formação de jovens e adolescentes, como a ampliação gradativa da carga horária e itinerários de estudo à escolha do estudante. A implantação por meio da Medida Provisória do Governo Federal gera controvérsias em Blumenau e divide opiniões de alunos e docentes da região, como se viu em debate realizado na Furb.

“No Brasil existe uma média de 61% de jovens de 15 a 17 anos que estão matriculados no Ensino Médio. Os outros 39%, que correspondem a 1 milhão e 700 mil jovens, estão fora da escola ou em defasagem, ou seja, cursando fora da idade”, expôs Eduardo Deschamps, Secretário de Estado da Educação, no debate Universidade Aberta promovido pela Furb em abril.

O secretário também apontou outros indicadores preocupantes da educação nacional, como a estagnação desde 2011 do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e os resultados abaixo da média mundial conquistada pelos estudantes brasileiros no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). “Os nossos melhores alunos têm médias menores que os piores alunos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)”, afirma. “Os resultados da Prova Brasil em português e matemática da última aplicação são inferiores aos resultados obtidos em 1997. Ou seja, a nossa aprendizagem tem problemas”, acrescenta.

Para resolver estes problemas, a nova lei prevê tirar o Brasil do modelo de Ensino Médio único. Para tal, será instituída a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que apresenta conteúdos básicos para todos os estudantes e cinco itinerários formativos. Atualmente em análise no Conselho Nacional de Educação (CNE),



Debate teve a presença do reitor da Furb, João Natel, e do Secretário Estadual da Educação, Eduardo Deschamps. Foto: Sávio James Pereira

a versão final da BNCC é esperada para o segundo semestre deste ano. Sem ela, a aplicação das diretrizes referentes aos cinco eixos não será possível.

As matérias tradicionais serão reunidas em cinco grandes itinerários, sendo Linguagens, Matemática, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Formação Técnica Profissional. Uma base comum deverá ser estabelecida e as escolas, dentro de suas possibilidades, poderão oferecer um ou vários itinerários para que, em complementação à carga horária, o aluno possa optar por aprofundamentos específicos.

Outra novidade que gera debate é a ampliação da educação em tempo integral que, de acordo com o Plano Municipal de Educação de Blumenau, deverá ser ofertada em 65% das escolas do município até 2024, tendo maior estímulo em comunidades em situação de vulnerabilidade. “Não precisa ser necessariamente uma escola de tempo integral. Eu posso ter o meu aluno estudando em tempo integral em várias possibilidades. Têm várias inovações que a lei traz como carga horária fora da escola que permitirão ao estudante trabalhar nisso”, completou Deschamps perante a comunidade furbiana.

Conflito de opiniões

Professores e estudantes presentes ao debate ficaram contrariados com as ideias apresentadas pelo secretário da Educação. Karla Bento, 47, assessora pedagógica, avalia que já começa errada, pela forma com que foi introduzida, por meio de medida provisória. “Assistimos a uma propaganda do governo, em que é dito que muitos estudantes foram ouvidos, mas não se sabe quem. Os próprios movimentos de ocupação das escolas demonstraram o contrário, que o novo Ensino Médio não é tão aprovado como se diz”, exemplifica.

A assessora também chama a atenção para a quantidade de dúvidas que cercam a reforma, principalmente no que diz respeito aos itinerários formativos. “Nós sabemos que a maioria dos municípios brasileiros são pequenos, com poucas escolas, e muitas delas sem grandes estruturas. Como é que essas escolas poderão ofertar todos os itinerários? Elas terão que escolher alguns? E se o itinerário pelo qual o estudante optar não estiver disponível, ele terá que se deslocar para longe de onde ele mora? A realidade dos nossos alunos demonstra que a maioria deles não vai ter condições para isso”, observa.

Karla Bento também ressalta

que a reforma não toca em uma questão crucial, o docente: “não é possível reformar o ensino médio sem reformar o professor. Em todos os países onde a educação é excelente, o currículo, a infraestrutura e a formação profissional capacitada estão vinculados. O currículo já foi alterado, mas ainda falta reformar a infraestrutura e o professor, além de valorizar a carreira docente”.

Por sua vez, a professora de Biologia Aline Frata, 35, afirma que “já tive capacitações na escola pública desde o ano passado. No começo desse ano tivemos 50 horas de curso”, destacando o novo modelo como uma saída da zona de conforto. “O professor terá que deixar de se limitar apenas ao conteúdo científico registrado em livros, pois essa informação o aluno já tem disponível em vários outros meios. Ninguém é mais aquela fonte única de informação, como tínhamos na escola tradicional. Nesse momento, o docente precisa se atualizar para conseguir uma aplicabilidade melhor dos conteúdos, o que alcança com disciplinas diferenciadas”, afirma.

“A principal diferença entre a escola particular e a pública é a forma como você pode trabalhar o conteúdo. Apesar de ser o mesmo, na escola particular você

tem muito mais tempo de aula para apresentar o assunto, além da turma ser menor. Devido a esses fatores, a aula tem que ser toda repensada para atender as necessidades da turma”, analisa Carlos Guerra, 45, professor da rede particular de ensino em Indaial. “Algo importante é que o professor de escola pública e o professor de escola particular é o mesmo, então o conhecimento que ele tem e a forma que ele vai trabalhar são os mesmos, tem que ser os mesmos”, afirma. “Está na hora de fazer uma mudança focada no desenvolvimento da educação, pois do jeito que está não dá para ficar”, desabafa.

Alguns pais também discordam da nova metodologia de ensino, como é o caso de Aline Farias, 33, enfermeira. “Minha filha entrará no Ensino Médio ano que vem, e eu não acho que a escolha de disciplinas trará algum benefício para ela”, argumenta e emenda: “não concordo com a remoção da obrigatoriedade de matérias como Educação Física”.

Aos jovens, pais e docentes cairá a responsabilidade da construção na prática de um audacioso plano educacional cujos frutos são, assim como o cotidiano do novo ensino médio, desconhecidos.

Cidade

Os efeitos da pós-verdade

Envio de imagens antigas e informações falsas afligem blumenauenses em períodos de enchente

Márcia França Leoni
Vanessa Eskelsen

Com tantas ferramentas e plataformas virtuais as pessoas acabam se deparando com uma infinidade de informações, aumentando a confusão entre o que é falso e verdadeiro. Uma situação que se agrava em casos de emergência, como no recente períodos das enchentes.

O boom das notícias falsas na Internet ganhou proporções tão grandes que até originou uma nova palavra: a pós-verdade. Em 2016, o termo chegou a entrar para o dicionário de Oxford, sendo definido como “um adjetivo que faz referência a circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência na formação de opinião pública do que os apelos emocionais e as opiniões pessoais”, conforme explica o Diário de Notícias de Portugal (no site dn.pt).

Um estudo da Universidade de Stanford, divulgado no site do jornal Folha de S. Paulo em novembro do ano passado, mostrou que 80% dos jovens (desde o ensino fundamental até o superior) que participaram de um teste não tinham capacidade para distinguir uma propaganda de uma reportagem real. Outro experimento realizado com os mesmos jovens apontou que 40% deles consideraram como verdadeira uma notícia falsa.

Pós-verdade e fake news

O professor da Furb, jornalista e publicitário Moisés Cardoso, doutorando em Comunicação pela Universidade Tuiuti, possui como tema de pesquisa o circuito de ativação de boatos no caso de situações de emergência. O que ocorre em episódios de desastre natural, atentado terrorista, assalto, enfim, qualquer coisa que deixe a pessoa em estado de alerta. Para estudar o assunto, o pesquisador analisa as informações trocadas durante uma enchente em Blumenau, cidade que sofre com esse problema desde a colonização, em 1850.

Cardoso relembra 2015, a primeira situação de enchente na cidade em que a população já fazia uso, além de redes sociais

como o Facebook e Twitter, do WhatsApp. Ele inquieta-se com o impacto das mudanças: “a colaboração do atingido em uma catástrofe natural, deveria ser fantástica, facilitar a vida. Mas o que aconteceu? Boatos, notícias falsas, caos. As pessoas recebiam aquele áudio: ‘eu sou comandante do bombeiro aposentado, estou no Alto Vale relatando que a barragem está transbordando’. Então, o indivíduo recebia a informação, não conseguia decodificar e passava adiante, pois vinha de um parente”. A falta de checagem é o principal agravante para o caos que se gera na cidade nestas horas, pois “os veículos de comunicação, em vez de ocupar espaço para noticiar o que estava acontecendo, tinham que acalmar a população, desvendando o que era boato e o que não era. Ou seja, em vez de dar um passo adiante, a gente retrocedeu”, comenta.

A tese de Cardoso considera que para que essa repercussão



Blumenau enfrentou cheias no início de junho. Foto: João Pedro Fraissat de Moura

sem checagem aconteça, um dispositivo precisa ser ativado, composto de três elementos. O primeiro deles é o não estabelecimento de um contrato comunicacional, cujos princí-

pios dialógicos foram definidos pelo russo Mikhail Bakhtin. A interação necessária entre textos também é estudada por Patrick Charaudeau, especialista francês em análise de discurso que afir-

mou existirem algumas coisas bastante pontuais nos textos que permitem estabelecer o contrato de comunicação, preparando o entendimento sobre o teor da informação.

Filtro-bolha provoca isolamento

Para exemplificar, o jornalista Moisés Cardoso anota que “quando um canal da televisão estabelece um determinado ‘som’ para avisar que virá uma notícia urgente, nosso cérebro já espera por uma informação de teor mais sério. Mas, quando a mudança ocorre do nada – como é o caso do WhatsApp – não estamos preparados para a notícia, o que causa a ruptura desse contrato”. Assim, “ele [o usuário do WhatsApp] não consegue averiguar a data da notícia, se é nova ou antiga, e se está sendo colocada fora do contexto dela. Qual é o veículo que assinou? O jornalista tem credibilidade? Então, a pessoa não consegue estabelecer o contrato comunicacional, e este é um dos pontos para se passar uma notícia falsa para frente”, complementa.

O segundo ponto investigado é a vulnerabilidade. “Quando a pessoa está fragilizada, com medo, faz muitas coisas impensadas. O ser humano está num estado mental de fragilidade. No

caso de uma enchente, ele quer ajudar as pessoas”, diz o professor. E assim, chega ao terceiro aspecto da tese: a propensão de compartilhar a informação. Ele referencia estudos da pesquisadora Raquel Recuero, para quem “todo mundo quer ser o portador da novidade, todo mundo quer ser o primeiro” e desse modo o abre-se o canal dos boatos.

Mas o professor também alerta para os casos em que existe intenção maldosa de passar informação falsa adiante. “Às vezes a pessoa tem intenção de prejudicar alguém. Por exemplo, uma mensagem de um político que roubou o dinheiro e saiu na Lava Jato. A tendência é de compartilhar isso de propósito quando ela não gosta daquele político”, comenta.

Para complicar entra em cena o mecanismo digital do filtro-bolha que não favorece olhares mais amplos sobre os temas. “Quando eu vou digitar uma busca no Google e uso sempre a mesma máquina, ele mesmo já

vai completando a minha frase ou palavra. Aquilo ali é um filtro invisível. Ele vai te empurrando para um resultado condizente com o histórico daquilo que você costuma pesquisar. Então o resultado da busca que eu faço na minha máquina é uma muito diferente daquele que você vai ter”, avisa. Conforme o professor, o Google leva em consideração a geolocalização, os conteúdos a que a pessoa já está habituada, os grupos com os quais há interação etc.

O Ad Rank é um algoritmo que funciona mediante nossas relações. Quanto mais você interagir com alguém, mais você receberá notificações dessa pessoa. Já alguém com quem você tem pouca interação, raramente aparecerá no seu feed. “Se eu torço por um time de futebol e interajo todas as vezes que alguém posta fotos dele, é provável que só irei receber notícias dele. Eu posso cair na armadilha de achar que todo mundo torce para o mesmo time que eu”, explica Cardoso.

Isso costuma acontecer muito

no caso das opiniões políticas. “Esta é uma dinâmica que chamamos de viés de confirmação, ou seja: eu só escuto o que eu quero, para reforçar uma crença que eu já tenho”, diz o professor. “Daqui a pouco eu vou achar que o mundo todo é machista, ou que não é machista, que tem diversidade, ou que não tem, porque eu estou reforçando convicções que eu já tenho. O Facebook vai criando bolhas e se a busca do Google já faz isto, o Facebook acentua muito mais”, observa.

No caso do Instagram, o professor relata que há uma prioridade das fotos dos usuários com os quais as pessoas interagem mais, jogando as outras mais para baixo no feed. Já o Facebook elimina completamente o conteúdo e a pessoa desaparece. “Eu até brinco com meus alunos: se você quer embaralhar o algoritmo do Facebook, experimentar dar os parabéns todos os dias, para todos os seus amigos. O Facebook vai endoair, pois ele não entende”, brinca o professor.

Suicídios revelam contraste preocupante em Blumenau

Uma das melhores cidades para se viver enfrenta paradoxo da desvalorização da vida

Victor Vinícius de Santana Palmeira

Blumenau é uma das cidades com um dos índices de suicídio mais altos do Brasil, apesar de ser também uma das melhores cidades para se viver no país. Os dados são alarmantes e mostram o porquê da grande preocupação com o tema, que é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) uma das principais causas de morte entre jovens e adultos de 15 a 34 anos. A ocorrência aumentou 60% nos últimos 50 anos. E a realidade fica mais assustadora: um relatório publicado pela Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) apresenta um dado da própria OMS, onde consta que o suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos, totalizando cerca de 800 mil mortes por ano.

De acordo com o relatório do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2010, baseado em dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a cidade de Blumenau estava avaliada com o índice 0,806, considerado muito alto, colocando-a na 25ª posição no ranking nacional. Já de acordo com um estudo de 2013, baseado em dados do Ministério da Saúde, Blumenau ocupava a 29ª posição nacional entre as cidades onde ocorrem mais suicídios, com 30 mortes para cada 100 mil habitantes. A média brasileira para o mesmo período era de 5,01 casos por 100 mil habitantes.

Para Álvaro Luiz de Aguiar, professor de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau (Furb), “o alto índice de suicídio não tem relação com qualidade de vida e com

o ponto de vista econômico e cultural”. Ainda de acordo com ele, “o suicídio está relacionado com questões próprias envolvendo a história de vida da pessoa, e há uma relação indireta entre o que a gente chamaria de doenças mentais em geral”, aponta o professor. Zita, voluntária do Centro de Valorização da Vida (CVV), cuja identidade é mantida em anonimato, também desassocia os índices de suicídio das características socioeconômicas da cidade. “Quando uma pessoa pensa em suicídio é porque ela não está valorizando a sua vida, e o que a leva a isso está sempre relacionado a um sofrimento emocional”, elucida.

Encontrar pessoas que já pensaram em suicídio não é difícil. De acordo com informações presentes na cartilha “Falando abertamente sobre suicídio”, elaborada pelo CVV, um estudo realizado pela Unicamp apontou que 17% dos brasileiros já pensaram em tirar a própria vida e 4,8% já chegaram a elaborar um plano para isso.

“O principal motivo para o suicídio é o sofrimento psíquico, sendo a depressão o mais comum deles.”

Ainda de acordo com a cartilha, são vários os motivos que levam uma pessoa a pensar em cometer suicídio. Normalmente a pessoa tem a necessidade de aliviar pressões externas, como culpa, remorso e cobranças sociais. Essa ideia é reforçada pelo professor Álvaro, ao afirmar que o principal motivo para o suicídio é o sofrimento psíquico, sendo a depressão o mais comum deles.

Fábio é o nome escolhido para manter em sigilo a identidade de um blumenauense cujo pai cometeu suicídio recentemente. “Fiquei muito triste, nunca cheguei a pensar que alguém da minha família faria isso”, desabafa. Sobre mudanças no comportamento de seu familiar,



Carta, email e telefonemas são algumas das opções de contato oferecidas pelo CVV. Foto: Zaidan Martendal

disse que nos dias anteriores ao ato, seu pai voltou a usar drogas.

A pessoa que tem intenção de cometer suicídio apresenta mudanças de comportamento. “Podemos perceber essas mudanças de hábitos e atitudes que podem acontecer. Por exemplo, se uma pessoa tem um hobby e ela abandona esse hobby, se ela é muito social e de repente ela se isola, conversa menos e até na própria fala, ao dizer que está pesado ou difícil”, descreve Zita.

A pessoa que está em uma situação difícil ou em crise pode pedir ajuda. Existem pessoas capazes de amparar, como aconselha Zita. “Precisa saber onde ela pode buscar esse auxílio. Seja de um profissional, seja do CVV, mas que ela não fique sozinha”. Além disso, existem campanhas de conscientização sobre o tema, como por exemplo, a Semana de Valorização da Vida, que começou no dia 4 de Maio na cidade de Blumenau, com eventos na Câmara Municipal, no Espaço físico do CVV, localizado na Rua Professor Luiz Schwartz e no Parque Ramiro Ruediger. O Setembro Amarelo e o Movimento ‘Conte Comigo’ seguem a mesma linha

de apoio.

A prevenção ao suicídio existe e cada indivíduo pode fazer a sua parte, como conta Nisael, também voluntário do CVV: “sempre tem o que fazer. Acredito que no primeiro momento é ouvir essa pessoa. Perceber o que ela está falando e ouvi-la com atenção mesmo”. Outro dado presente na cartilha também chama a atenção. De acordo com a OMS, 90% dos

casos de suicídio podem ser prevenidos, desde que existam as condições mínimas para oferta de ajuda, seja ela voluntária ou profissional. De acordo com Zita e Nisael, qualquer pessoa maior de 18 anos pode ser um voluntário do CVV, desde que disponha de tempo e vontade de ajudar. Para tanto, o voluntário precisa fazer um pequeno curso de preparação e seleção.

Como ajudar

Para ligar para o Centro de Valorização da Vida o número é 144. Você também pode ligar diretamente para a unidade do Centro em Blumenau, que atende pelo número (47) 33294111. Atendimentos por telefone, email, chat e Skype são feitos 24 horas por dia.

Quem preferir também pode conversar pessoalmente ou mandar uma carta para o CVV em horário comercial. O endereço é Rua Professor Luiz Schwartz, 169, bairro da Velha, CEP 89036-070.

Independente da forma de contato, quem procura o CVV é atendido por um voluntário, treinado para conversar com todas as pessoas que procuram ajuda e apoio emocional. Sempre com respeito e sigilo sobre tudo o que for dito.

Para quem deseja ser um voluntário, o formulário de inscrição está no site do centro www.cvv.org.br

Educação

Analfabetismo revela falta de investimento em educação

Blumenau é a sexta cidade com maior número de analfabetos do estado segundo o IBGE

Nicolle Rafaela Campos

Saulo Gonçalves tem 58 anos, é natural de São João Batista, casado e pai de três filhas. Ele segue uma vida tranquila, atualmente em Blumenau no bairro Progresso, com seu trabalho na prefeitura, sendo funcionário público na área de limpeza. Ele não possui nenhum carro, então precisa se locomover para trabalhar via transporte coletivo. Frequentemente não consegue identificar em qual ônibus deve entrar. "Sempre preciso perguntar para alguém onde o ônibus está indo, porque não consigo ler o que está escrito", aponta.

O analfabetismo faz parte da vida de muitos brasileiros, em razão de vários fatores, como o modelo educacional utilizado, a concepção de que os menos favorecidos não possuem condições para aprender, ou ainda, pelo fato de que em alguns lugares persiste a necessidade de participação na renda familiar desde a infância, o que dificulta o acesso dessas pessoas a quaisquer formas de educação, como esclarece Saulo: "na época eu trabalhava na roça com meus irmãos, e meu pai nos falava que como nunca sairíamos do interior, estudar não seria uma necessidade, então paramos de ir a escola para trabalhar com ele".

Cerca de 1,7% da população blumenauense não sabe ler e escrever, sendo que a média brasileira é de 14,74%, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado no ano de 2010, que mesmo não sendo tão atual, ainda é próximo de nossa realidade hoje, levando em consideração a lentidão das mudanças relacionadas à educação. Apesar de Blumenau não expressar porcentagens tão altas quanto outros lugares do país, é ainda algo a se discutir. A cidade está posicionada em 769º no ranking nacional de municípios com população analfabeta, realizado no ano de 2010. Em contrapartida, ela também é a sexta

cidade em âmbito estadual com a maior taxa de analfabetismo, o que mostra que apesar de não haver números expressivos, ainda faltam investimentos e melhorias no sistema educacional.

Saulo, assim que chegou em Blumenau juntamente de seus irmãos, sabia da existência do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), mas não se interessou em ir para as aulas por já ser adulto, e acreditar que não valeria mais a pena. "Eu tinha 24 anos, foi por desinteresse próprio então não posso culpar ninguém, antigamente éramos mais mente fechada, eu acredito. Mas agora vejo como o estudo é importante, e assim como fiz de tudo pelas minhas filhas também faço pelos meus netos, porque eu sei por experiência própria, que não conseguir ler e escrever é muito difícil", reflete.

Processos de alfabetização e seus obstáculos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é onde podem

ser recebidas e amparadas essas pessoas que não completaram os anos da educação básica na faixa etária apropriada. O projeto ganhou corpo a partir dos anos 90, quando passou a incluir classes de alfabetização inicial. Em Blumenau, é possível encontrar o EJA funcionando na modalidade a distância, para quem tem no mínimo 18 anos de idade. Porém, o primeiro módulo do curso é presencial, para que os professores ensinem seus alunos a utilizarem os computadores e também a internet.

Além disso, tem o Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja), escola destinada a pessoas que desejam concluir neste caso o Ensino Fundamental e Médio, que não estão mais dentro da idade escolar, oferecendo curso presencial de primeira a quarta séries do Ensino Fundamental, para quem tem idade igual ou superior a 15 anos. Atende jovens e adolescentes com dificuldades de adaptação,



O Ceja de Blumenau fica na Rua Engenheiro Paul Werner.

Foto: João Pedro Fraissat de Moura



Alfabetização pode ser a distância no EJA.

Foto: João Pedro Fraissat de Moura

com deficiências e necessidades especiais, trabalhadores, idosos, e reeducam pessoas em presídios, penitenciárias, entre outros.

De acordo com Sérgio Hoffmann, diretor geral do Ceja do bairro Itoupava Seca, "é necessário adotar práticas pedagógicas que considerem as peculiaridades inerentes aos alunos, como idade, condições socioeconômicas e culturais, expectativas, características individuais, ritmos de aprendizagem no decorrer do processo, conhecimentos que cada jovem e adultos já possuem internalizados".

No entanto, são enfrentadas dificuldades no decorrer do percurso, tanto por parte dos alunos quanto por parte de seus educadores. "A heterogeneidade de idade, as diferenças socio-culturais, falta de formação dos profissionais para trabalhar com o público específico, são alguns obstáculos", alerta Sérgio.

O futuro do analfabetismo em Blumenau

Em abril de 2015 o Jornal de Santa Catarina divulgou um documento do Executivo municipal, composto por dez diretrizes envolvendo investimentos na educação em Blumenau. Dentre elas, a universalização do atendimento escolar, a superação de desigualdades educacionais, a valorização dos profissionais da

educação e a erradicação do analfabetismo. Elas foram aprovadas pela Lei Complementar nº 994, no dia 16 de julho de 2015, e elaboradas com base no Plano Nacional de Educação. Especificamente, a meta de número nove expressava: "elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais, para 98% até 2017 e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional".

O Brasil possui cerca de 14 milhões de pessoas analfabetas, e é o oitavo país com maior número de adultos analfabetos do mundo, posicionando-se entre o Egito, com 15,6 milhões, e a Indonésia, com 12,8 milhões, de acordo com levantamento divulgado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2014.

Em contrapartida, Blumenau está entre a cidade brasileira com melhores indicadores sociais, incluindo nível de escolaridade e taxa de analfabetismo, recebendo em setembro de 2015 o prêmio anuário de Melhor Cidade do Brasil. Dessa forma, em comparação com outras cidades e inclusive outros países os índices são bons, aumentando o compromisso e responsabilidade do município em melhorar seus índices sobre questões tão básicas da vida social.

aParte no mundo



Do clima árido do continente africano às montanhas de Nevada. Seja pelo interesse em trabalhar fora do país ou conhecer uma nova cultura, as próximas páginas apresentam uma imersão em diferentes vivências no exterior. Desde o casamento entre estrangeiros até o sonho de jovens que saem do Brasil para se aventurar no esporte. As descobertas da primeira universitária do Curso de Jornalismo da Furb na Dinamarca e uma entrevista exclusiva dos Estados Unidos, especialmente para esta edição. Isso e muito mais nas experiências internacionais trazidas pelos estudantes responsáveis por esta edição número 3 do aParte, para ampliar a leitura do jornal-laboratório.

O Brasil pelos olhos de fora

Isabella V. Kucher

Valores de outros países costumam ser preferidos pelos brasileiros, como a famosa indústria do entretenimento estadunidense, a sofisticação dos franceses e a modernidade histórica dos ingleses. Esses ícones internacionais muitas vezes se transformam em aspirações nacionais, e fazem com que conhecer o exterior e poder vivenciar essas culturas em primeira mão seja um sonho. Em meio a admiração por outros países, muitas vezes se deixa de perceber que o Brasil está na lista de interesses e objetivos de muitos estrangeiros. O único país de idioma português do continente americano atrai gente de diferentes cantos do mundo, que não apenas planeja conhecer nossas praias e festas, mas também busca estudar uma língua e cultura diferente.

Foi assim com o canadense Eric Laycock, acadêmico de neurociências que cultiva interesse por diversas culturas, como a islandesa e a etíope. O Brasil inicialmente chamou a atenção de Eric, quando ele trabalhava como voluntário no Peru em 2011, na época em que a música "Ai Se Eu Te Pego" tocava pelo mundo todo. Ouvia tanto, que resolveu se inscrever nas aulas de português da universidade local, só para poder entender qual era o significado da canção que grudava na cabeça de todos: "ao longo do curso aprendemos bastante sobre a cultura brasileira e aquilo me fez comprar a ideia", diz. Desde então se aproximou de muitos brasileiros no exterior, através da internet, e até mesmo no Canadá (que além de já ser o destino mais buscado pelos brasileiros para intercâmbio, desde a eleição de Donald Trump também é o preferido para emigrar).

Segundo Eric, tudo que aprendeu reforçou a imagem que já tinha do país: "o Brasil é muito interessante, é como a Veneza dos países: divertido mas também corrupto. Seu PIB em relação aos seus vizinhos o torna o país mais importante da América do Sul, e além de tudo a cultura do meme é ótima." Apesar de adorar o senso de humor brasileiro, Eric diz perceber certa falta de nacionalismo: "em comparação com nós canadenses, os brasileiros são bastante auto-depreciativos. É como se eles mesmos não se levassem a sério", conclui.

Esse sentimento é visto de outra forma pela sul-coreana Yoonji Kim, que pretende trabalhar como agente de modelos coreanos e brasileiros no futuro. Para ela, o povo brasileiro, assim como o sul-coreano, tem certo ressentimento da forma como o país foi governado anteriormente. Lá, pelo Japão, aqui, por Portugal. Mas ela também vê semelhanças positivas entre as duas nacionalidades, inclusive, foi desta forma que seu interesse pela terra verde e amarela iniciou: "eu fiz muitos amigos brasileiros quando estudei no Canadá. Nós

Peruano, canadense e sul coreana apreciam a cultura brasileira e têm interesse em conhecer o país



A entrevista com a sul coreana Yoonji Kim foi feita pelo aplicativo Kakao Talk, tão popular no leste da Ásia quanto o WhatsApp é no Brasil

Foto: Renata M. Westphal

conversávamos e saíamos bastante juntos, eu senti que eles eram muito similares aos coreanos: amigáveis, calorosos, e tinham uma emoção parecida. Então comecei a me interessar pelo Brasil e escolhi a Língua Portuguesa como meu curso de graduação na Coreia do Sul".

Já o peruano Carlo Solari, diferente de Eric e Yoonji, aprendeu português por conta própria. Seu ensino veio através da internet, aplicativos de idiomas, ouvindo músicas e assistindo filmes. Para ele, a dificuldade em definir a cultura brasileira como uma é justamente o que a torna tão cativante: "cada região tem sua própria cultura, como se existissem vários países dentro de um só. Além disso, gosto muito de histórias do país, como a do Lampião, o Rei do Cangaço."

Entre o Peru e o Brasil, um contraste que chama a atenção é a quantidade de grandes centros. Embora o eixo Rio-São Paulo seja o principal polo econômico do Brasil, outras capitais também apresentam

poder econômico, político e educacional. Já o Peru "é mais centralista, tudo se concentra em Lima, que é a capital. Isso faz com que as pessoas do país todo venham para a região e lotem a capital, hospitais e universidades. Mas no Brasil há cidades importantes e com boas oportunidades espalhadas pelo país", considera Carlo. Para Yoonji, a maior diferença está no modo em que vivemos. "Aí no Brasil as pessoas aproveitam a vida indo à praia, dançando e festejando mais. Penso que os coreanos já não gostam tanto dessas coisas. Estamos loucos para trabalhar e ganhar dinheiro para o futuro", reflete. Ela planeja vir ao país para passear e estudar. Porém, os níveis de segurança por aqui podem ser um problema em seus planos, visto que os indicadores de criminalidade vêm aumentando cada vez mais. Isso assusta a coreana.

"Eu quero muito ir ao Brasil, então mesmo se não conseguir ingressar em uma universidade irei apenas como tu-

rista. Mas me preocupo com a ordem pública porque gostaria de viajar sozinha e também, infelizmente, meus amigos têm medo de viajar para o Brasil no momento". A apreensão de Yoonji não é à toa. Em pesquisa realizada em 2016 pela organização global Inter Nations, o Brasil foi classificado como o 64º melhor país para um estrangeiro viver, ficando apenas na frente da Nigéria, Grécia e Kuwait. Na contramão Numbeo, o maior banco de dados do mundo por contribuição de usuários, classificou a Coreia do Sul, também em 2016, como o país mais seguro para se viajar.

Apesar de ter pontos negativos, o Brasil atrai pessoas de todos os lugares pelos encantos que possui, despertando o ânimo em visitar a terra. Eric planeja ainda este ano realizar uma viagem de carro desde Vancouver, onde reside, passando por toda a América Latina e tendo o Brasil como destino final: "tenho muitos amigos brasileiros então passarei um bom tempo visitando a todos. Quero ir a Brasília conhecer os museus nacionais, e ao Rio porque é incrível e pretendo ir às praias e às favelas. Além disso, gostaria de ir ao norte e fazer um tour pela Amazônia, que visitei na sua parte peruana e foi fantástico." O peruano Carlo, que já esteve em terra brasileira realizando um mochilão, deseja voltar: "gostaria de ir ano que vem, fiquei com muita vontade de conhecer mais da região norte e visitar o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, no estado de São Paulo".

Embora ainda haja tantas questões a serem melhor desenvolvidas no Brasil, honrando a palavra progresso em sua bandeira, o ritmo colorido que possui continua atraindo pessoas. Seja pelo humor brasileiro, no caso de Eric, pela alegria trazida pelo samba e a MPB, para Carlo, ou pelo povo apaixonado, no caso de Yoonji, o país convida pessoas de todos os cantos da terra. Afinal, o Brasil é imenso não apenas em território mas também em sua riqueza cultural.



As praias atraem os estrangeiros

Foto: Maria Júlia Spengler

Lar brasileiro, coração estrangeiro

Casais de diferentes nacionalidades compartilham suas experiências e desafios no matrimônio

Maria Júlia Spengler

Um casal se conheceu no bar de praia, o outro pela internet. O primeiro já comemora trinta anos de casamento, o segundo, está chegando nos dez. Cada casal seguiu seu destino, do litoral para Gaspar e do espaço virtual para Blumenau. A semelhança: mulheres brasileiras que foram pedidas em casamento com sotaque estrangeiro.

O primeiro casal é Débora Eberhardt Schneider e Mario Carlos Roca. Foi no carnaval que o gringo caiu nas graças da brasileira. Os dois se conheceram na praia de Gravatá, no calor do mês de fevereiro. O vendedor de materiais para isolamento térmico e acústico de Buenos Aires estava passeando pela região quando viu a professora gasparense de 20 anos, que veraneava na região. “Olhei e já me apaixonei”, relembra Carlos, que na época tinha 29 anos.

Antes daquele dia de verão, o argentino já tinha decidido que sua vida seria no Brasil, não importava o endereço. “Quando conheci Débora, soube que a história seria aqui. Poderia ter sido no Rio de Janeiro, ou em outro lugar mais chique, mas vim parar em Gaspar”, brinca ele.

A Guerra das Malvinas e a Ditadura Militar Argentina foi o que aumentou a vontade de Carlos querer deixar seu país de origem e vir para o Brasil. “A maioria das pessoas que nasceram nos anos 50 e 80 passaram por um período de juventude bastante complicado, pelo

governo e pela ditadura. A Ditadura Militar na Argentina foi bastante severa, trinta mil desaparecidos. E todo mundo queria vir para o Brasil, porque é um país tropical, não tinha tanto frio como na Argentina”, explica.

No amor tudo se entende

Carlos e Débora não tiveram dificuldades para se comunicar, mas a facilidade não foi a mesma entre Carlos e os outros. “Ele teve mais dificuldade na questão de adaptação. As pessoas, às vezes, não o entendiam. Até na minha própria família, durante os primeiros anos quase ninguém conversava com ele, porque não o compreendiam”, conta Débora.

As filhas do casal, de sangue brasileiro e argentino, de 24 e 29 anos, falam uma espécie de dialeto em casa. “É uma mistura das duas línguas”, diz Carlos. Mesmo não tendo ensinado as filhas a falarem o espanhol, Débora afirma que as meninas entendem bem. “Lógico que existem palavras que elas não sabem, por não praticarem no dia a dia, mas elas se acostumaram com o espanhol desde pequenininhas”.

No lar brasilo-argentino as empanadas, as batatas de forno e temperos, como o chimichurri, foram importados para a vida da família. “Aqui em casa o Carlos cozinha mais do que eu, então comemos muita coisa de lá”, fala Débora. “E vai comida daqui pra lá também. Porque o gringo que nos visita, leva a receita do macarrão da Débora. Ela tem uma que é famosa”, ri Carlos.



James e Daniela voltaram ao Brasil para criar a filha Foto: Maria Júlia Spengler

Brasilo-americano

Daniela Krueger Hopkins e James Jacob Hopkins se conheceram através do antigo chat ICQ, em 2006. Ela em Blumenau e ele em Ohio. “Em 2007 ele veio me visitar, pra ver se eu existia mesmo”, brinca Daniela. “Em 2008 ele voltou e eu fui junto pros Estados Unidos. Moramos lá por cinco anos e nos casamos no civil”. Em 2009 casaram no Brasil no religioso.

As coisas não estavam acontecendo como eles sonharam nos Estados Unidos, por isso decidiram ficar aqui. A brasileira, que teve toda sua formação Inglês-Português no Brasil, não encontrou oportunidades de trabalho que envolvesse a língua materna, assim como foi complicado conseguir um serviço que dependesse do idioma do marido, já que tinha que competir pela vaga com um norte americano. “Tentei entrar no mestrado lá, mas os programas são mais complexos para ingressar, bem competitivos. E como a gente já tinha 35 anos e queríamos filhos, tivemos que decidir o que fazer e optamos por morar no Brasil”, relembra Daniela.

Could you repeat, please?

Jacob, que trabalha com a área de informática, não fala nem entende muito bem o português. Apesar de Daniela ser professora de inglês, o casal confessa que “aqui e ali” existem alguns mal entendidos. “Geralmente esses problemas são causados por conta do meu português, que é fraco”, justifica (em inglês) Jacob. “Algumas palavras não existem, ou ele entende e faz uma coisa que, de repente, não era pra ser desse jeito”, explica a professora.

Com a família de Daniela, Jacob se comunica com “sorrisos e boas intenções”. As conversas geralmente giram em torno do tempo ou do trabalho, nada mais profundo. “Meu irmão fala inglês, mas minha mãe principalmente o alemão e algumas palavras do inglês”, conta ela. A pequena filha do casal, de pouco mais de um ano, só escuta inglês dos pais. “Português eu falo com ela quando saímos, mas em casa é só em inglês. Porque o português ela vai aprender na escola e convivendo com outras pessoas”, explica a mãe.

Além do idioma, a cultura também apresenta diferenças. Para Jacob, tudo nos Estados Unidos segue um certo cronograma. Já no Brasil, as coisas acontecem de forma mais despreziosa, “o que pode ser bom ou ruim”, avalia ele. “Lá eu estranhei a questão da pontualidade. Tudo é muito planejado. Aqui no Brasil é mais solto, as coisas não são tão planejadas”, comenta Daniela.

O trânsito também chama a atenção. Jacob não dirige no Brasil: “não me sinto confortável com a infraestrutura e com o jeito que os motoristas tratam seus carros e os outros condutores”. Daniela, por sua vez, não dirigia nos Estados Unidos. “É tudo muito rigoroso, então eu tinha medo que se eu fizesse alguma coisa errada seria penalizada, mesmo sem intenção”.

Outro fator surpreendente para Jacob foi o modo como o brasileiro se sente, achando “que o Brasil é ruim, enquanto o exterior é perfeito”. Daniela complementa a opinião do marido de que “também existem problemas lá fora”.



Débora e Mario se conheceram na praia de Gravatá, para onde voltaram.

Foto: Arquivo pessoa

aParte no mundo

Dinamarca dá exemplo ao reaproveitar os alimentos

País escandinavo reduziu o desperdício em 25%, economizando R\$2,7 bilhões nos últimos quatro anos

Luisa Padilla*

O Brasil desperdiça mais de 40 mil toneladas de comida diariamente, segundo pesquisa divulgada em 2016 pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Grande parte do que é desperdiçado no varejo brasileiro não está necessariamente estragado. São alimentos que ainda poderiam ser consumidos, como uma fruta que caiu no chão e é destinada ao lixo. Sobras de comidas em restaurantes também poderiam ser aproveitadas. Entretanto, de acordo com a lei 8.137/90 do Código de Defesa do Consumidor, é crime entregar matéria-prima ou mercadoria em condições supostamente impróprias ao consumo. Isso faz com que a possível doação e distribuição desses alimentos sejam inibidas.

Do outro lado do globo, uma campanha nacional contribuiu para uma grande mudança nas casas, restaurantes, supermercados e até na indústria dinamarquesa, reduzindo em 25% o desperdício de alimentos no país nos últimos quatro anos. Essa redução representa uma economia de 4,4 bilhões de coroas dinamarquesas (cerca de 2,7 bilhões de reais). Outras campanhas e iniciativas também favoreceram estes números.

Os restaurantes receberam o selo "refood" (algo como "comida novamente"), que serve como garantia de que o alimento é próprio para o consumo. Um apoio fundamental é o da empresa Unilever que, em parceria com a campanha *Stop Spild af Mad* (Pare de Desperdiçar Alimentos, em tradução literal), doa embalagens aos restaurantes para que os consumidores possam levar as sobras para casa.

Outra campanha chamada *Foodsharing* ("compartilhamento de comida") já faz sucesso, principalmente entre os jovens. Vo-

luntários entram em contato com supermercados dispostos a doar comida recém-vencida ou frutas que não seriam comercializadas, disponibilizando os produtos para doação. Esses eventos ocorrem pelo menos uma vez por semana.

A acadêmica da Roskilde University Clara Prip é uma das beneficiadas por este projeto. No começo ela ficou receosa porque pensava não ser digna de participar, já que tem condições de comprar comida. Mas depois de conversar com organizadores, Clara chegou à conclusão de que é um evento para todos – o objetivo é reduzir o desperdício e há comida suficiente para centenas de pessoas.

Um dos divulgadores do *Foodsharing* é o dinamarquês Simon Hybschmann, que trabalha como auxiliar em um lar para idosos. Em sua opinião, eventos como esse são excelentes não só para economizar dinheiro, mas também para a redução do desperdício. "É um grande problema nós, como sociedade, jogarmos comida em perfeito estado fora, enquanto 10% da população mundial passa fome", explica Hybschmann.

Ele também participa do *dumpster diving* ("mergulho no lixo", em tradução literal), prática que consiste em procurar nas lixeiras dos supermercados alimentos ainda em bom estado. Ele diz que a prática é, às vezes, mal vista pelas camadas mais ricas da sociedade, mas cada vez mais pessoas aderem. Ele afirma que já encontrou alimentos muito caros em bom estado. Entretanto, este exercício é ilegal no Brasil.

Gustavo Porpino, analista da área de comunicação da Embrapa, afirma em entrevista para o portal Terra que ter fartura na mesa é um aspecto cultural dos brasileiros. Na opinião dele, precisamos ter mais respeito pelo alimento que chega as nossas mesas.

Gustavo Porpino, analista da área de comunicação da Embrapa, afirma em entrevista para o portal Terra que ter fartura na mesa é um aspecto cultural dos brasileiros. Na opinião dele, precisamos ter mais respeito pelo alimento que chega as nossas mesas.

*Acadêmica do curso de Jornalismo da Furb em intercâmbio na Roskilde University, na Dinamarca



Foodsharing já se tornou uma prática popular entre os jovens na Dinamarca. Foto: Luisa Padilla



Nas feiras encontram-se alimentos em bom estado que no Brasil iriam para o lixo. Foto: Luisa Padilla

Entrevista

Texto: João Pedro Fraissat de Moura



Foto: Arqubv/Pessoal

MARY HOOKS

a voz do povo negro

Com exclusividade, **aParte** entrevista em inglês uma das mais influentes mulheres negras norte-americanas da atualidade, que integra o movimento *Black Lives Matter*, a ativista Mary Hooks. O *BLM* se estende por todos os EUA em oposição à violência policial e hoje luta também contra as condições econômicas, sociais e políticas que oprimem as comunidades negras nos EUA. De Blumenau, a entrevista foi realizada via *Skype* pelo estudante negro de Jornalismo da FURB, João Pedro Fraissat de Moura. O aluno integra o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab) da universidade e realizou a tradução especialmente para esta edição. A conversa de João Pedro com Mary Hooks em inglês pode ser conferida na página jornalismofurb.wixsite.com/curso.

Entrevista

A administradora em Recursos Humanos Mary Hooks é uma das principais porta-vozes de movimentos sociais nos EUA. Sua vida passa por situações de pobreza, sem conhecer os pais biológicos e com muito preconceito racial. Uma história de adoção por família cristã em que tensões se intensificaram após se assumir como lésbica. O clímax ocorre ainda na faculdade, onde Mary começa a se identificar com os movimentos sociais e descobre um desejo radical de ser uma voz para mudanças no mundo. Essa é a personagem da entrevista feita na língua inglesa especialmente para o jornal aParte, pelo estudante de Jornalismo João Pedro Fraissat de Moura, responsável pela tradução.

aParte: Você é uma das co-fundadoras da organização SONG (Southerners On New Ground) que lida com questões LGBTQ nos EUA e também tem um forte relacionamento com o Black Lives Matter. O que realmente motivou você a fazer parte do movimento BLM?

Mary Hooks: Na verdade, eu sou co-diretora da SONG. Nós a fundamos há quase 25 anos. Fiquei motivada quando vi gente negra sendo abandonada e deixada morrer pelo governo quando o furacão Katrina atingiu os EUA em 2005. Em 2009, eu fui apresentada aos sulistas e me juntei à organização como um membro e, eventualmente, como parte da equipe de funcionários. Ao longo dos últimos anos eu venho construindo fortes relações com o pessoal do BLM através da SONG. Em nível nacional, eu me envolvi mais quando os sulistas foram convidados a participar do comitê de planejamento para o Black Lives Matter em 2015. Mais tarde naquele ano meu companheiro, Dre Propst me chamou para iniciar uma divisão aqui em Atlanta. Tenho sido motivada a lutar por vidas negras durante muito tempo porque ao longo dos anos eu aprendi que é nosso dever dar continuidade à luta pela libertação dos negros neste país e no mundo.

aParte: Black Lives Matter surgiu quando o assassinato do adolescente preto Trayvon Martin foi absolvido pelo júri na Flórida, em 2014. Hoje em dia, o movimento está presente em todo o país? A problemática é igual em cada cidade?

Mary Hooks: Sim, está presente em todo país e a problemática é igual em cada cidade, mas seria incrível se não. Temos 45 capítulos (incluindo o Canadá também) e todas as pessoas estão fazendo os mesmos trabalhos. O que eu

percebi é que uma vez que as pessoas começaram a aparecer em protestos nos EUA usando a hashtag #BlackLivesMatter e aparecia na TV, nas mídias sociais a hashtag estava conectando as pessoas. Elas seriam capazes de estar juntas e ver outras pessoas aparecendo e compartilhando seus vídeos e histórias, de forma a estarem se relacionando entre si. Houve outros movimentos negros que se juntaram aos protestos, mas eu diria que o BLM foi o primeiro que surgiu na internet. Há uma divisão principal que recebe e indica os trabalhos e tarefas a serem seguidos pelas outras divisões em outras cidades. Estamos todos conectados com os mesmos valores e princípios e todos estamos fazendo a mesma coisa. Mas todos nós estamos procurando melhores maneiras de fazer esses trabalhos, por causa das condições locais em que as pessoas se encontram em diferentes cidades. Em agosto de 2016, a BLM Atlanta e as organizações que fizeram a convenção de Cleveland trouxeram mais de 8.000 pessoas para um protesto e não esperávamos isso. Todas essas pessoas tinham os mesmos problemas, sabe? Violência policial, drogas, prostituição... Mas os nossos piores vilões são o Estado e o nosso sistema. Eles estão nos matando, tirando nossos empregos, tirando nossos planos de saúde, marginalizando-nos... E é por isso que nossas comunidades em todo o país estão morrendo de fome, imersas na pobreza e cheias de violência.

aParte: Aqui no Brasil temos alguns problemas para reconhecer quando uma pessoa é negra por causa de nossa sociedade miscigenada. Como a sociedade americana reconhece uma pessoa negra e como a comunidade negra reconhece uma pessoa negra?

Mary Hooks: Acho que reconhecemos pessoas negras mesmo



Acadêmico João Pedro de Moura realizou a entrevista por Skype. **Foto: Roseméri Laurindo**

quando a classe é internalizada por ideais de supremacia, porque o povo negro compartilha uns com os outros a mesma dor do racismo, a mesma luta contra o racismo, a mesma visão... Compreender a luta das pessoas negras, como a cultura negra tem se desenvolvido e como estamos ligados uns aos outros com as tradições do nosso povo. Quando as pessoas rejeitam intencionalmente o legado histórico de nossos ancestrais, elas estão contribuindo para o genocídio do povo negro. E no final, eu acredito que mesmo os jovens podem ser transformados, porque havia um tempo em que eu não era politizada, mas eu entendia o porquê de eu ter tido várias experiências com o racismo... Sobre crescer pobre e ver as pessoas ao meu redor saindo de fábricas e indo para cadeias e prisões... Então, compartilhar experiências e reconhecer a luta que estamos juntos. E finalmente dividir o amor com outra pessoa negra, ser solidário com outras pessoas que não são negras, mas que igualmente entendem o impacto quando alguém diz "f... a polícia", porque eles sabem o que a polícia tem feito com a gente todo esse tempo.

"O BLM foi o primeiro movimento negro que surgiu na internet."

de violência policial. Mesmo quando se trata do movimento, há um trabalho todo que temos que fazer em torno de estratégias de comunicação e como pensamos para amplificar e compartilhar o que está acontecendo em nossas comunidades e em nossas cidades... Esse é um grande desafio agora. Sabe, nos anos 50 e 60, era diferente [...] Eles (os jornalistas) não relatam os fatos, porque eles sempre diminuem o movimento. Eles dão a impressão de que o movimento é apenas algumas pessoas aqui e ali, mas na verdade há milhares de organizações que estão na luta de resistência negra. A maneira com

aParte: As distorções nas entrevistas ocorrem em qualquer temática negra ou apenas quando ocorre violência policial? Por exemplo, em caso de racismo contra artistas e atletas.

Mary Hooks: Ah, claro que ocorre! Não somente as distorções da verdade, mas às vezes omitem as histórias. Mas onde não há resistência, essas coisas aconteceram... Nós vemos a distorção em diferentes níveis... Desde relatar nossas histórias de uma forma surreal até se omitir diante

de violência policial. Mesmo quando se trata do movimento, há um trabalho todo que temos que fazer em torno de estratégias de comunicação e como pensamos para amplificar e compartilhar o que está acontecendo em nossas comunidades e em nossas cidades... Esse é um grande desafio agora. Sabe, nos anos 50 e 60, era diferente [...] Eles (os jornalistas) não relatam os fatos, porque eles sempre diminuem o movimento. Eles dão a impressão de que o movimento é apenas algumas pessoas aqui e ali, mas na verdade há milhares de organizações que estão na luta de resistência negra. A maneira com

que eles tentam criar a ideia de que nós odiamos a polícia. Nós não odiamos todos os policiais. Eu conheço alguns policiais que são legais e ainda trabalham para o maldito Estado. Estou preocupada com o Estado, o sistema e as regras que estabelecem para a polícia. Mas o mundo pelos olhos da mídia apenas nos vê como um grupo que odeia a polícia. Uma coisa que você não vai ouvir em qualquer mídia é a nossa visão do mundo e os nossos sonhos. Essas são as coisas que eles não relatam.

aParte: Você acha que as ideias do movimento são bem interpretadas quando vocês são entrevistados por jornalistas negros?

Mary Hooks: Depende muito da instituição midiática... Por exemplo, tem um cara aqui em Atlanta que é politizado e faz um ótimo trabalho. Por outro lado, conhecemos alguns jornalistas negros que trabalham para algumas instituições em que não lhes é permitido relatar algo que vai contra a conduta da instituição. Então, há dois tipos de jornalistas negros: quem entende, mas prefere manter seus empregos; e quem entende, mas é capaz de defender suas posições para ajudar a BLM, o movimento de imigração e nos dar algum espaço. Você não pode ser um jornalista negro e estar longe de questões raciais. Mesmo porque você enfrentou problemas raciais até chegar onde você está hoje.

Entrevista

aParte: O movimento não gosta de falar com jornalistas brancos?

Mary Hooks: Não necessariamente! Falamos com jornalistas brancos... Houve uma situação que aconteceu quando um dos cabeças da BLM deu uma entrevista a um jornalista branco e o jornalista começou a desqualificar o movimento e fazer perguntas impróprias.

aParte: Perguntei isso porque li na internet.

Mary Hooks: Provavelmente foi um falso ativista BLM quem disse isso... Aqui em Atlanta nós tivemos uma situação bem semelhante... Havia uma pessoa que estava dizendo que fazia parte do BLM, mas ele não fazia... Ele fez uma falsa página do BLM Atlanta no Facebook e ele não estava por dentro da nossa política e dos nossos valores. Ele era completamente homofóbico, muito sexista e tinha alguns problemas com a polícia... Então ele fez este capítulo falso chamado "Black Lives Matter Greater Atlanta" e começou a dar entrevistas para a Fox News como um líder real BLM. Ele estava perturbando nosso movimento. Essa é uma tática que a Fox News usa para criminalizar o Black Lives Matter. Então, outras mídias começaram a entrevistar esse homem como parte

do BLM, mesmo eles sabendo que não tinha nada a ver com o BLM real. Há muitas perguntas sobre seu relacionamento com a polícia, então, isso é uma coisa que precisamos lidar, porque causa confusão em Atlanta. As pessoas ficam perguntando "ok, quem é o verdadeiro e quem não é?" Tipo, temos um comício em algumas horas aqui em Atlanta e os meios de comunicação vão conversar com ele primeiro. Como Malcolm X disse: "A mídia é a entidade mais poderosa do planeta. Eles têm o poder de tornar o culpado inocente, e isso é poder. Porque eles controlam as mentes das massas."

aParte: Qual é o principal problema durante as entrevistas: a falta de informação ou a má fé das pessoas?

Mary Hooks: Acho que é uma combinação de ambos. Com uma informação ruim, alguém com má fé encontrará uma maneira de mudar o sentido das coisas que estamos dizendo. Então, eu acho que esse é o problema, porque confunde as pessoas. Todavia, vai mostrar quem é o mentiroso e vai nos mostrar maneiras diferentes de destruir essas questões. Temos um monte de gente na mídia tradicional que está alimentando a nossa sociedade com besteiras e temos um monte de gente nos meios alternativos que nos permite dizer a verdade.

aParte: O que você espera de um jornalista quando dá entrevistas?

Mary Hooks: Saber ouvir, tomar boas notas, fazer perguntas relevantes e não manipular as respostas, como a Fox News faz.

aParte: Você já deu entrevistas para a mídia de outros países?

Mary Hooks: Sim! Eu dei uma entrevista a um cara que mora

na África do Sul. Depois de muitas conversas, ele veio até Atlanta e nos conhecemos pessoalmente. Mas também dei algumas entrevistas a Suíça e a Alemanha.

aParte: No ano passado tivemos o movimento Oscar's So White, que criticou a falta de atores e diretores negros nos filmes nomeados pela Academia. Will Smith e Jada Smith boicotaram a premiação e não apareceram. Já em 2017, foi positivo a Academia indicar mais negros ou apenas tentou limpar a imagem da premiação?

Mary Hooks: Primeiro de tudo, os negros estão fazendo um grande trabalho. Não só no Oscar, mas em outros prêmios também, como no Grammy. E quando eu digo grande trabalho, não é só dirigir ou atuar em filmes e fazer boas músicas. Estou falando da militância também. Como supervisionar e boicotar prêmios que não reconhecem o trabalho dos negros. Mas voltando ao Oscar, tivemos

dois bons filmes negros este ano que ganharam: Moonlight e Estrelas Além do Tempo. E também teve a Viola Davis que ganhou como atriz coadjuvante.. Então, para tirar uma conclusão sobre isso, temos de ver se nos próximos anos o Oscar vai ser como este ano, porque a Academia tem um monte de brancos conservadores. Mas espero que sim.

aParte: Aqui no meu país o movimento negro ainda tem que lidar com a questão da apropriação de elementos da cultura e das religiões africanas pelos brancos, como o uso de turbantes como acessório de moda (mas na verdade é um acessório religioso). A série do Netflix "Cara Gente Branca" também aborda estas questões de apropriação nos EUA. Gostaria de saber na vida real como essa questão é tratada pela comunidade negra nos EUA.

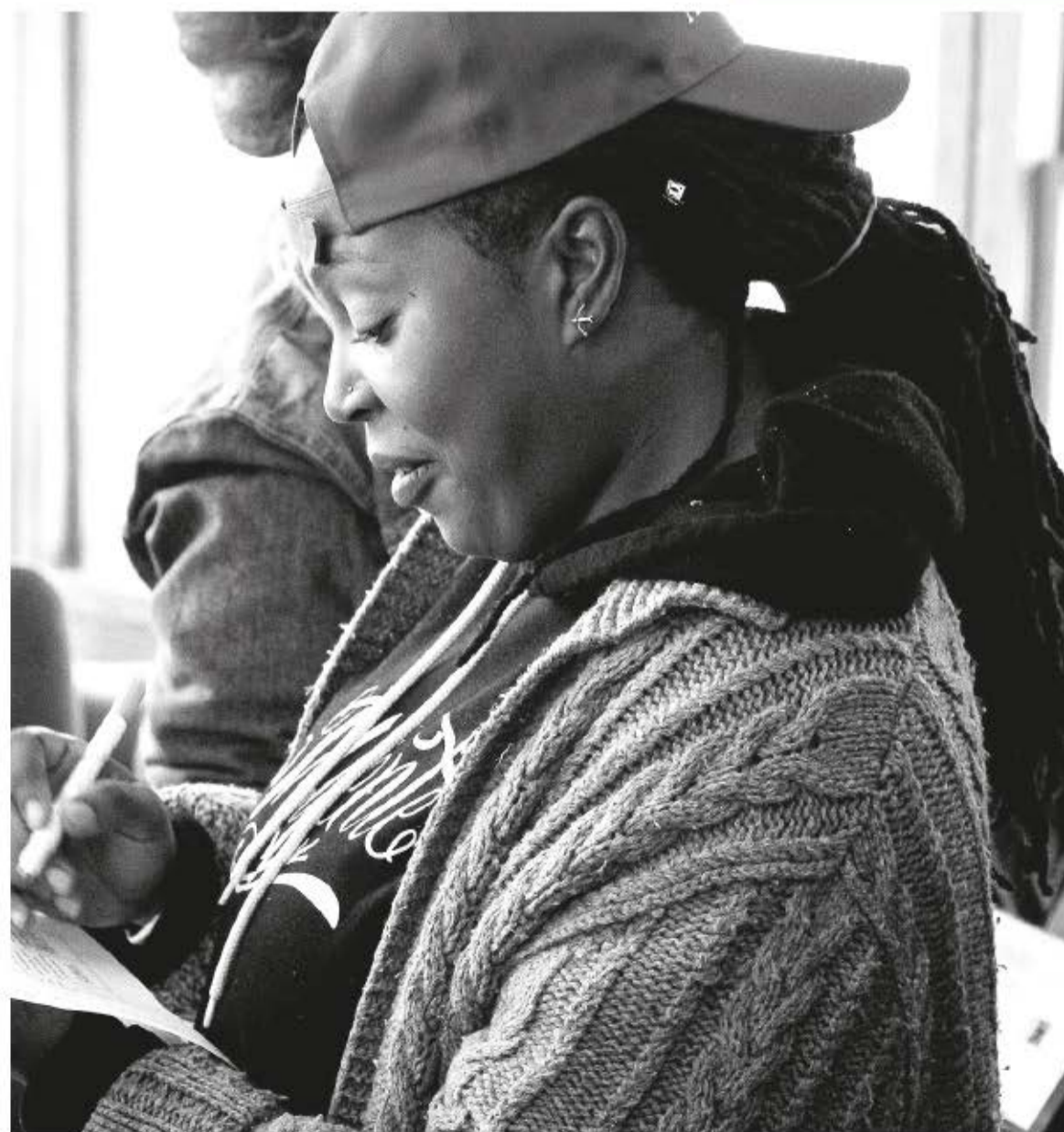
Mary Hooks: Os brancos se sentem livres para se apropriar da cultura árabe, indiana e africana. Especialmente os jovens, que são fortemente influenciados

pela cultura pop. A apropriação de culturas não é algo novo. Eu acho que é algo que muitas pessoas não reconhecem, porque a cultura pop tem glamourizado e feito para parecer fantástico quando uma mulher branca faz tranças no cabelo para que ela possa cantar como uma mulher negra. E os brancos não entendem nossa história e nossa cultura. Mas eu não acho que a nossa geração mais nova reconhece isso como apropriação da mesma maneira que os outros, porque, novamente, todos eles cresceram em uma sociedade de cultura pop que gosta de fingir que os negros não sofrem nenhum tipo de preconceito. E é por isso que você tem tantos artistas negros que vendem nossa cultura como porcaria sem consideração, porque a supremacia branca foi internalizada nas mentes da nossa geração mais jovem pelos programas de entretenimento no canal de TV VH1, por exemplo.

aParte: O que seria uma harmonia ideal entre brancos e negros?

Mary Hooks: Será harmoniosa se tivermos um novo sistema. Se tivermos uma nova estrutura policial, uma democracia real... Todas essas coisas. Quando as reparações para o que foi feito aos descendentes africanos neste país e globalmente forem feitas. E não como "todo mundo ganha um cheque de 500 dólares e está tudo bem". Estou falando de terminar com a supremacia branca, acabar com o tráfico de drogas, acabar com a prostituição e tudo aquilo que marginaliza os negros. Eu não estou preocupada no modo como os negros se relacionam com os brancos. Estou preocupada com o meu povo ter casas decentes, boa saúde (mental e física) e não ser abusado pela polícia e pela violência do Estado. Eu me importo mais com isso. Mas precisamos ter uma conversa com os brancos sobre reparações raciais se quisermos sair sãos, com dignidade e em paz.

A entrevista em inglês pode ser conferida na página jornalismofurb.wixsite.com/curso



Para Mary, só um novo sistema pode tornar harmoniosa a relação entre negros e brancos.

Foto: Hermelinda Cortés

aParte no mundo

Heiko Grabolle compara tradições do Vale do Itajaí com a cultura germânica

O alemão é responsável por aprimorar a tradição das casas de cuca na Oktoberfest

Raphael Carrasco

O Vale do Itajaí é recheado de celebrações típicas germânicas ao longo do ano, movimentando o cenário turístico catarinense. Heiko Grabolle, alemão, cozinheiro do Restaurante Senac Escola, em Blumenau, ficou encantado com os costumes locais, que fazem lembrar de sua cultura tradicional.

Nascido na região da Vestefália, no oeste da Alemanha, o chef cresceu em um pequeno vilarejo de cerca de mil habitantes. Curioso pela gastronomia do mundo, viajou a trabalho para diversos países, atuou na cozinha do exército alemão e também em vários cruzeiros marítimos. Mudou-se para Florianópolis após conhecer a brasileira que se tornaria sua esposa. Depois de alguns anos morando na capital catarinense, Heiko recebeu convites de instituições de ensino para lecionar gastronomia. Foi professor por três anos, período que percorreu o país inteiro dando aulas e palestras. Nessas viagens, descobriu Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil. Foi chamado por Ivone Lemke, diretora executiva da Fundação Cultural de Pomerode, para trabalhar na organização de eventos da Festa Pomerana de 2003.

A diretora, recomendou o nome do cozinheiro para que ele fizesse parte da maior festa alemã da América latina, a Oktoberfest de Blumenau. Hoje, ele é consultor gastronômico do evento e defende a ideia de que a festa tenha mais pratos típicos para o consumo dos visitantes. Para Heiko, é contraditório haver a venda de alimentos que não fazem parte da cultura alemã, como pastel, espetinhos de carne e frango e até mesmo o sushi, produtos predominantes no cardápio em edições passadas.

Um exemplo que parece difícil de acreditar é em relação a venda deucas, bolo de massa de pão muito característico na região do Vale, que nunca teve espaço na Oktoberfest em três décadas.



O chef de cozinha do restaurante do Senac e consultor gastronômico da Oktoberfest procura trazer um pouco de sua cultura e experiência para os pratos regionais. **Foto: Raphael Carrasco**

Heiko, intrigado com a situação, contribuiu trazendo para a festa uma Casa de Cucas, incluindo iguarias como strudel e waffles como opções.

Heiko confirma que os aspectos alemães são representados muito bem em nossa região, mas são adaptados para o jeito brasileiro. Aponta que a culinária nunca é igual a original, entretanto se assemelha à gastronomia germânica. Alguns pratos são montados para o gosto brasileiro, alterando a

mistura de ingredientes ou acrescentando temperos mais característicos do nosso país. Aqui não poderia ser diferente. Pratos como o spätzle, macarrão tradicional alemão, acompanhado com a típica linguiça Blumenau, são exemplos desta mistura de sabores.

A antropóloga e professora da Furb, Marilda Checcucci, pesquisadora de hábitos alimentícios, diz que algumas mudanças vieram da época da colonização alemã no Brasil.

“As adaptações eram necessárias por conta da falta de alguns ingredientes aqui no nosso país. Portanto, passou-se a usar muita mandioca, banana, feijão e etc. Por exemplo, torta de blueberry, o mirtilo aqui no Brasil, que é difícil de encontrar, será substituído por frutas mais características do nosso país, como jabuticaba ou amora”, explica

No restaurante em que trabalha, o do Senac, na Alameda Rio Branco, no centro de Blumenau, Heiko afirma que segue a culinária

alemã do jeito é, representando de maneira fiel a gastronomia germânica.

O “Mestre Cuca” conta que alguns costumes brasileiros são diferentes quanto aos do seu país, e que na hora de dividir a comida, são mais individualistas.

“Os brasileiros gostam de porções bem servidas e preferem compartilhar com os amigos, familiares e afins, enquanto os alemães preferem as individuais, e não tem o costume de dividir”, revela o chef alemão.

Em busca da segunda identidade

Antes de ser consultor e chef de cozinha, Heiko conta que seus primeiros anos no país, sua adaptação foi difícil em razão do idioma. Outro problema enfrentado por ele foi a falta de aceitação de seu currículo.

“No início tive dificuldade de conseguir dinheiro, pois ninguém conseguia entender o meu

currículo. Até eu conseguir meu primeiro emprego aqui no Brasil demorou bastante e quando eu consegui, tive alguns problemas de relacionamento com alguns colegas de trabalho”, comenta Heiko.

O chef complementa que as adversidades davam-se em conta de seu ritmo mais intenso e acele-

rado de produção, e também de seus conhecimentos técnicos diferenciados. Esta situação acabou fazendo com que companheiros de trabalho ficassem com medo de perder o lugar para Heiko, diz.

Beber cerveja o dia todo, usar roupas típicas diariamente e dançar as músicas locais fazem parte dos estereótipos e são imagens

que nós brasileiros e pessoas de outros países montam da Alemanha. Heiko nega essa visão satírica, entretanto faz parte da cultura de seu país, mas não é todo dia que será visto. Usa como exemplo o próprio Brasil, que na Europa, é visto apenas como o país do futebol, carnaval, samba e mulheres.

Atletas saem do Brasil para ganhar a vida no exterior

Jogadores preferem atuar fora do país em busca de um sucesso maior no esporte

Felipe Junior

O Brasil é o país com maior fluxo de saída de atletas para outros países. Estima-se que existam 2.174 jogadores brasileiros de futebol espalhados em 111 dos 206 países do mundo. Só no ano passado, aproximadamente 806 profissionais deixaram o Brasil para conquistar novos objetivos, segundo relatório da Federação Internacional de Futebol (FIFA). A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou no início de 2017 o número de atletas que saíram sem custos do país em 2016: a pesquisa revela um aumento de 20% em relação ao ano anterior; apenas 100 atletas, dos 806, foram vendidos, o restante saiu de graça dos clubes.

Um exemplo é Ivan Carlos França Coelho, de 27 anos, natural de Gaspar-SC, que foi para a Indonésia. Ele é atacante do *Persatuan Sepak Bola Lamongan* (Persela Lamongan) e está desde o começo do ano passado jogando nesse clube. Comenta que em dois anos passou por oito países tentando o sucesso no futebol, que só conseguiu quando chegou no sudeste asiático. "Saí do Brasil e fui pra China, depois Laos, Vietnã, Tailândia, Myanmar, Jordânia, Omã e agora desde o ano passado estou na Indonésia, onde as coisas só estão melhorando. Tudo que plantei antes, estou colhendo agora. Graças a Deus", comemora Ivan Carlos.

O jogador lamenta que nos outros países não deu certo. "O que prevalecia era ter um bom empresário e fazer negócio com o treinador ou o diretor. Em muitos lugares você só entra no time se der dinheiro para a pessoa que te contratou. Infelizmente existem aqueles que pensam apenas no dinheiro", reclama Ivan Carlos. Ele faz comparações entre o futebol brasileiro e o praticado na Indonésia: "o Brasil é muito diferente de todos os lugares que passei, até porque



Gulity atuando pelo Avalanche USA FC em Ontario, na Califórnia. Foto: Luis Miguel Torres

o nosso país é do futebol. O nível em nosso país é muito mais alto, os jogadores são muito mais inteligentes e fortes. O brasileiro já tem o futebol no sangue e isso faz toda a diferença".

Gulity Menegussi de Barros, de 21 anos, natural de Curitiba-SC, preferiu o Avalanche USA FC dos Estados Unidos. Ele esteve no sul da Califórnia no ano passado, mas ficou apenas cinco meses e já voltou para o Brasil. "Fui jogar na terceira divisão. Joguei a *US Cup*, que é a Copa do Brasil deles, e alguns campeonatos regionais de menor porte, tipo a *Allianz Cup* que é um campeonato da Coca-Cola", conta Gulity. Ele também comenta quais são as diferenças entre o futebol brasileiro e o praticado nos Estados Unidos. "Lá é muito mais organizado, mas eles não têm malícia nenhuma e não dão 'miguê' no jogo. Eles não se misturam muito", afirma Gulity.

Outros esportes

Porém não são só atletas de futebol que saem do Brasil para ganhar a vida no esporte, existem também jogadores de vôlei em outros países. É o caso de Renan Roberto Levandoski, de 24 anos, natural de Rio Negrinho-SC. Ele jogou a Superliga B em São José dos Campos-SP e em Blumenau. No interior de São Paulo foi campeão do torneio. Agora está em Buenos Aires e diz que se adaptou muito bem a capital argentina, onde joga pelo Club Ciudad de Buenos Aires. "Eu não senti nenhuma diferença de jogar no Brasil e aqui na Argentina. Só o idioma que demorou um pouco para me acostumar e entender, mas de resto pra mim foi muito parecido", compara Renan.

Já o esportista que saiu de Guarapuava-PR para jogar no Hertha Berliner Sport-Club é o

Lucas Kluge, de 22 anos. Atleta de futsal, já jogou em várias cidades brasileiras, como, por exemplo, sua cidade natal, Jaraguá do Sul e Joinville, em Santa Catarina, e Belo Horizonte, em Minas Gerais. No exterior, tentou a sorte em Berlim, na Alemanha. "Foram meses de muito aprendizado, foi minha primeira experiência como atleta fora do país e não poderia ter sido melhor. Vivenciei coisas maravilhosas dentro de quadra e fora dela também, fiz muitos amigos e tive o privilégio de conhecer uma cultura diferente. A Alemanha me acolheu muito bem, por isso é um país que eu respeito, admiro e vou levar pra sempre no meu coração", conta Lucas.

Diferente das ligas tradicionais da Europa, como na Espanha, Itália, Portugal e da Rússia, a alemã é uma liga nova. Lucas viu grandes diferenças entre o

futsal do Brasil e da Alemanha. "É uma liga profissional, que se preocupa com os clubes, jogadores e com os torcedores. Dentro de quadra os padrões de jogos são diferentes do que eu estava acostumado, tanto no ataque como na defesa, mas a essência do futsal é a mesma. Pude acrescentar a eles muitas coisas táticas que eu levei do Brasil e também aprender muito com o futsal alemão", explica Lucas. Ele já voltou para o Brasil, em virtude do final do contrato.

Números

Os cinco países que mais recebem os jogadores brasileiros profissionais de futebol são: Portugal com 412, Alemanha com 136, Itália com 127, Japão com 90 e Suíça com 86. Outros países que recebem vários atletas também são: EUA com 76 e Espanha com 60.

Caminhos profissionais em outra terra

Como jornalista, Magali Moser realizou o sonho de trabalhar no exterior através de estágio

Isabella Kucher

Trabalhar fora do país é uma aspiração para muitos estudantes e profissionais que desejam ter novas experiências e enriquecer seu currículo. Seja de forma permanente ou temporária, sair do seu contexto e entrar numa nova sociedade, com uma diferente cultura profissional, é algo que nos ajuda a criar diferentes perspectivas a respeito do que fazemos e do mundo ao qual entregamos nossos esforços. Isso acontece principalmente em áreas ligadas com a globalização, como o jornalismo, especialmente no segmento internacional.

Há algumas maneiras de conseguir a chance de trabalhar no exterior, seja como estagiário ou através de uma transferência. A jornalista gasparense Magali Moser conseguiu essa oportunidade em 2013 devido aos estágios anuais possibilitados pela Deutsche Welle, uma das maiores redes públicas de rádio e televisão alemã e atualmente a décima maior emissora do mundo. A rede disponibiliza vagas para estágios em suas redações internacionais na Alemanha, inclusive para a redação brasileira em Bonn, que foi a que recebeu Magali. "O processo de aprovação foi bem emocionante e dediquei muita energia e tempo para que eu fosse selecionada. Atuar no exterior era um projeto de vida", diz Magali.

A seleção à qual foi submetida envolvia, além dos requisitos básicos, certo domínio do idioma alemão, que ela diz ter sido seu maior desafio. "Fiz aulas particulares de alemão no Brasil, e na DW um intensivo do idioma. Lá, participava de aulas com jornalistas de diversos países. Era interessantíssima essa interação e me fez aprender muito a conviver com o próximo", relata.

A redação em que atuou era composta por mais de 20

jornalistas, sendo a maioria brasileiros e apenas alguns alemães. Havia duas editorias principais: política/arte e ciência/tecnologia, a última sendo a qual Magali mais participou, inclusive tendo a chance de estar presente no programa especial de um ano do Futurando, que vai ao ar no Brasil através da TV Cultura.

Magali, que durante seus seis meses na redação em Bonn produziu material principalmente para o portal eletrônico, diz que sentiu diferenças em comparação com a mídia regional na qual trabalhava. Como a DW é transmitida para várias localidades e em mais de 30 idiomas, seu alcance é muito grande e isso reflete em sua visibilidade, o que pode ser desafiador: "Eu estava acostumada a produzir pautas para um grupo específico, no caso, o Vale do Itajaí. Já conhecia as fontes, e elas também me reconheciam. Na DW, essa relação se expandiu consideravelmente, pois o público-alvo passou a ser todo o Brasil. As fontes passaram a ser lideranças e representantes com visibilidade nacional e internacional. Essa mudança exigiu muita pesquisa e apuração, incluindo entrevistas em outros idiomas", conclui.

O jornalista no exterior

Cada redação da DW é autônoma, e elas se relacionam com a redação alemã, que produz conteúdo para todos os idiomas. Lidar com várias línguas faz parte de um processo complexo, pois mais do que apenas realizar a transmissão, interpretar e transferir essa informação de forma esclarecedora é indispensável. "Acredito no jornalismo como uma maneira de compreender o mundo. Não podemos nos restringir apenas à reprodução dos fatos, mas devemos aprofundá-los e contextualizá-los. Sair da superficialidade dos fatos e sermos capazes de promover o jornalismo como



A professora da Furb trabalhou como repórter na redação da Deutsche Welle. Foto: Luiz G. Antonello

forma social de conhecimento", acrescenta.

Segundo o cientista social Josué de Souza, o incentivo para se aprender mais sobre a própria história e cultura é extremamente instigado pelo trabalho jornalístico. A construção do conhecimento racional da sociedade sobre ela mesma também é resultado disso: "o jornalismo é parte do que é chamado de extrato cultural de um grupo, e é um elemento primordial para transformações da realidade sociocultural de um local." Porém, por ser uma ferramenta poderosa deve ser empregado com destreza, pois de forma errada atrasa o desenvolvimento social. Para Josué, não existe sociedade moderna sem a inserção de um jornalismo forte. Isso é uma dificuldade em locais onde o mercado de trabalho para o profissional dessa área é restrito.

A capacidade de levar informações a diversos locais traz um grande senso de responsabilidade para o jornalista, afinal, exatamente por esse alcance o papel desempenhado é essencial: "ainda mais para países com uma imprensa frágil

e com histórico de ditaduras, como o caso da Angola e outros países africanos", completa Magali. Segundo a jornalista, uma sociedade formada por uma democracia madura e intensa participação civil terá como resultado uma imprensa madura e, portanto, mais comprometida com o povo: "Saltos que o Brasil tem muito a percorrer, seja como sociedade ou qualidade do jornalismo nacional", acrescenta.

Programas de jornalismo

Em todas as vertentes profissionais há opções boas de bolsas ou concursos para ganhar experiência internacional. No jornalismo, além da Deutsche Welle, a rede de comunicação com oportunidades mais frequentes para isso é a BBC, que oferece *trainee* para até quem não é formado área. Mas ainda existem alternativas como o *Journalism Exchange Program*, que acontece na Ucrânia para jornalistas com diploma e experiência, e opções de duração curta como o intercâmbio internacional de jornalismo oferecido pelo International Center for Jour-

nalists (ICFJ) em Washington e Nova Iorque, que dura 4 semanas.

Para quem pensa em fazer um estágio ou *workshop* internacional, Magali aconselha a se dedicar ao aprendizado do idioma local, não se limitando ao conhecimento da língua em si, mas a toda questão cultural: "a formação jornalística não se dá apenas nas aulas práticas. Não adianta saber manusear um novo software se não há disposição para a investigação, um dos fundamentos do jornalismo."

No mais, se por um lado a vida lá fez Magali admirar aspectos do modo de viver alemão - como a segurança e a relação com o espaço público - segundo ela, também serviu para enaltecer elementos da brasilidade: "afinal, senti falta das cores, sabores, aromas e temperos brasileiros." Embora podemos sentir saudade do nosso aconchego - como já disse a premiada repórter Eliane Brum - "quando se faz jornalismo é preciso atravessar a rua de si mesmo, despir-se das suas próprias crenças e preconceitos para ser preenchida pela experiência do outro".

Viagens transformam o currículo

Cada vez mais intercambistas ganham oportunidades no mercado profissional

Renata M. Westphal

Quando uma empresa visualiza que o candidato já esteve em intercâmbio, entende que o repertório pessoal e intelectual da pessoa teve um incremento que a destaca entre as demais. Quem garante isso é a especialista em gestão de pessoas Daiane Miglioli, que também é responsável pelo setor de RH da empresa Manoel Marchetti, em Ibirama. Daiane foi até os Emirados Árabes, em 2012, para aprimorar seu conhecimento da língua inglesa e hoje colhe os frutos do investimento na viagem.

Segundo a especialista, o

intercâmbio contribui para dar destaque no currículo profissional em qualquer área. A psicóloga tem analisado que os intercambistas voltam com mais facilidade de adaptação, independência, solidariedade, perseverança, dentre outras habilidades sociais indispensáveis para o bom andamento das atividades organizacionais. Além disso, para Daiane, a fluência em outro idioma garante desenvoltura na comunicação dentro e fora do ambiente empresarial.

A acadêmica da Univali Isabella Pereira comprova que esta experiência é importante para a vida profissional. A aluna de Comércio do Exterior tem apenas 21 anos e já é assistente

operacional em uma empresa multinacional de Itajaí.

Isabella estudou no México e no Canadá e para este ano, está se preparando para o terceiro intercâmbio, dessa vez na Noruega. Ela considera o intercâmbio como a melhor forma de crescimento e aprendizado. “Minhas duas experiências me trouxeram muita bagagem cultural e fluência em um novo idioma, além de abrir os horizontes para buscar novos desafios”, relata. A acadêmica ainda comenta que as experiências de estudo no exterior foram fundamentais para sua colocação no mercado de trabalho.

Cerca de 175 mil brasileiros se tornam intercambistas todos

os anos no país. A faixa etária que mais busca experiências internacionais é o público entre 22 e 25 anos, segundo a pesquisa Selo Belta realizada pela Associação Nacional de Agências de Intercâmbio no ano passado, que também revelou os países que mais interessam os brasileiros: Canadá, Estados Unidos e Austrália, respectivamente.

Segundo dados da pesquisa, os programas custam em média, 4.990 dólares, aproximadamente 16.966 reais. Na contramão da crise, a maioria dos financiamentos são de poupanças próprias e familiares.

Para o coordenador de relações internacionais da Furb, professor David Bisland, experi-

ência internacional universitária abre um novo leque de conhecimentos porque proporciona uma profunda imersão em culturas diversas. O professor explica que o intercâmbio possibilita a chance de absorver diferentes tecnologias, exercer a independência pessoal e ter contato com um universo distinto do que se está acostumado. “Dessa forma, ao inserir o intercâmbio no currículo, aos contratantes que tem conhecimento da vivência que é proporcionada, sabem do diferencial que o intercambista tem em relação aos outros, ao ponto das empresas reconhecerem isso, tornando-se um diferencial importante para a carreira profissional”, comenta.

Gestores nos Estados Unidos aprovam trabalho brasileiro

Alice Kienen Gramkow

A América do Norte é a maior procura dos jovens na hora de fazer intercâmbio, mas nem todos podem bancar um período de estudos no país. A modalidade *work and travel* dá oportunidade de trabalhar nos Estados Unidos durante as férias de verão do Brasil e, ao final da viagem, passear pelo país americano. Como o salário é suficiente para pagar as despesas nos EUA, os intercambistas podem até lucrar com a experiência.

A estudante de Engenharia do Petróleo da UNIT (Universidade Tiradentes) Carolina Chagas já havia visitado os Estados Unidos para passear e para estudar, mas foi trabalhando que ela aprendeu mais. A acadêmica escolheu South Lake Tahoe, na divisa entre os estados de Califórnia e Nevada, para passar as férias trabalhando no Ridge Resort como *housekeeper* – responsável pela limpeza e organização do hotel. “Minha intenção era aprender a me virar sozinha”, conta Carolina.

Além de ter melhorado a língua inglesa, ela também aprendeu um pouco de Espa-

nhol com os colegas de trabalho, que acabaram se tornando seus amigos. “Meus chefes eram muito acolhedores e estavam sempre preocupados em tornar a minha experiência a melhor possível”, lembra Carolina.

Muitos jovens aproveitam a oportunidade de trabalhar nos EUA para ver a neve pela primeira vez. Durante as férias de verão no Brasil, boa parte do hemisfério norte enfrenta temperaturas abaixo de zero, e uma das principais atividades durante a temporada são os esportes de inverno. Como eles são praticáveis somente nessa época do ano, as estações de esqui dependem de contratados temporários para funcionar.

A gasparense Cristiane Welter de Oliveira aproveitou essa oportunidade para conhecer uma nova cultura e aprimorar seu inglês. Aluna de Secretariado Executivo Bilingue da Furb, ela foi empregada pelo Kirkwood Mountain Resort, também em South Lake Tahoe, para trabalhar como ajudante em um restaurante. “Nossos supervisores eram muito pacientes e nos ajudavam com tudo”, relata a estudante. A maior dificuldade foi o fuso horário, que tem seis horas de



O resort de esqui Heavenly é um dos mais procurados pelos intercambistas. **Foto: Alice Kienen Gramkow**

diferença do horário de Brasília, mas ela conseguiu se tornar mais independente e conhecer vários lugares novos.

Durante o recrutamento, muitas empresas enviam representantes até o Brasil para entrevistar os candidatos e decidir se eles se encaixam no perfil do programa. Rebecca del Pozo é a responsável pelo recrutamento dos resorts de esqui Heavenly e Kirkwood desde 2015. “Eu aprendi muito com as diferen-

tes culturas e com as barreiras de idioma e ainda mantenho contato com alguns jovens daquela época”, conta Rebecca, que já lida com intercambistas desde 2010, quando foi contratada para o escritório de recursos humanos da Heavenly.

Justin Hulsey é gerente geral na Kirkwood Mountain Resort há três anos, admira a ética dos brasileiros e afirma que eles aprendem muito rápido. “Eles nos ajudam muito durante o

inverno e é incrível saber que eles têm a experiência de trabalhar nas montanhas e absorver a cultura americana enquanto ganham dinheiro”, afirma Justin.

Para Rebecca, os estudantes que trabalharam com ela não eram apenas tão capazes quanto os americanos, mas também superavam as expectativas. “Nós podemos realmente contar com os estrangeiros, e nossos visitantes os adoram”, conclui.

Em busca de um recomeço

Preconceito mantém refugiados haitianos em situação de vulnerabilidade mesmo no Brasil

Isadora Boerner

Blumenau, bem como a região do Vale do Itajaí, é historicamente fruto de imigração. O último grande movimento de entrada de estrangeiros procurando uma nova vida que teve como destino o Vale Europeu começou a partir de 2013 e os principais imigrantes que chegaram à região foram os de origem haitiana. Eles já procuravam outros países em busca de melhores condições de vida, mas, o deslocamento se acentuou a partir de 2010, depois do grande terremoto, que alcançou o grau 7,3 na escala Richter, que vai até 10.

O idioma é uma das principais dificuldades que enfrentam quando chegam ao Brasil e à região do Vale. Mas, os obstáculos não param por aí. A luta na busca de um emprego e a permanência nele é árdua, mesmo para os que possuem alguma formação superior.

Um dos casos de haitianos que possuem diploma, mas não conseguem obter um emprego na área, é o de Jean Oriol Sinriél, de 48 anos, natural da capital do Haiti, Porto Príncipe, que chegou a Blumenau no dia 25 de março de 2014. Antes de optar por morar no Brasil, Sinriél viveu por 26 anos na República Dominicana.

Ele revela que a ideia inicial não era vir ao Brasil, mas viver no Equador. Acabou mudando os planos porque o Brasil é um dos países que concede visto humanitário. A opção por morar em Blumenau veio por meio de um amigo, que já residia aqui. “A minha primeira impressão

ao chegar foi de que era um local ‘muito branco’, onde era difícil ver pessoas negras. Por exemplo, na rua onde moro, residem apenas três negros”, relata Sinriél.

Para ele, o preconceito veio no trabalho, primeiro pelos empregos que são oferecidos aos imigrantes, mesmo que estes tenham alguma formação superior. O haitiano é graduado em artes e jornalismo pela Universidad Autónoma de Santo Domingo, além de ter trabalhado por muito tempo como guia turístico. Mas só consegue arrumar emprego em fábricas, trabalhando na maioria das vezes com máquinas, fato que considera ser sua única queixa a respeito da região.

“No momento estou desempregado, já que saí da gráfica onde trabalhava. Lá, eu cuidava de oito máquinas, com 8h diárias de trabalho. O meu primeiro emprego foi conseguido 15 dias depois de eu chegar à cidade, mas sem carteira assinada. Gostaria de conseguir algum emprego que envolva a minha formação, mas sei que é bastante complicado”, conta.

Outra questão que, segundo Sinriél, é uma demonstração forte de preconceito, são os olhares desconfiados de quem passa por ele nas ruas. O haitiano comenta que, mesmo depois de tantos negros e de estrangeiros já circularem pelas ruas de Blumenau, ainda é comum ver as pessoas se protegendo quando algum negro chega perto, como se achasse que se trata de um ladrão.

Situação de fragilidade

Segundo o sociólogo Marcos Mattedi, no momento em que a



Haitianos como Sinriél buscam refúgio em Blumenau. Foto: Raphael Carrasco

imigração haitiana atingiu seu auge, eles já fugiam de uma situação de fragilidade, escolhendo o Brasil por causa do bom momento econômico e político que nosso país vivenciava. Porém, analisando a atual situação de nossa nação, hoje eles vivem uma situação igualmente mais fragilizada aqui.

“Outra questão que afeta bastante a sua situação, do ponto de vista sociológico, é que eles são a primeira geração que veio para estes lugares, não possuindo um grupo acolhedor ou uma comunidade formada por pessoas da mesma origem. Até podemos comparar e dizer que é quase a mesma situação dos colonizadores europeus que aqui chegaram há mais de 100 anos”, ressalta o doutor em Sociologia.

O estudioso reitera que a questão torna-se ainda contraditória, uma vez que acabam se tornando vulneráveis no país que escolheram viver para fugirem da fragilidade em sua pátria de origem. No Brasil, vivem atualmente cerca de 80 mil haitianos que foram formalizados com a concessão de visto humanitário ou que estão em processo de residência permanente, segundo dados do Conselho Nacional de Imigração (CNI).

Os haitianos normalmente entram pelo Acre e Manaus. Ao chegarem se dirigem a Polícia Federal para requisitarem visto de permanência de refugiados ou cédula de identidade de estrangeiro. Para obterem a carteira de Trabalho é necessário um protocolo específico da Polícia Federal e certidão do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). Com esses documen-



Refugiados buscam integração em sua nova vida. Foto: Renato Becker

tos é possível a emissão do CPF junto à Receita Federal. Posteriormente, todos são orientados a procurarem o posto do Sine na cidade que aportarem.

Em Blumenau, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Social, estima-se que, cerca de 500 haitianos chegaram em 2013. São, em sua maioria, homens entre 20 e 40 anos, que buscam uma renda maior para, mais tarde, conseguir trazer a família. A Secretaria realiza os atendimentos através dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras).

Ainda de acordo com dados da Secretaria, a maior parte dos imigrantes que chega a Blumenau possui apenas o Ensino Médio completo, e pouquíssimos têm o Ensino Superior. Por este motivo, as oportunidades de emprego oferecidas aos haitianos são, basicamente, nos setores de construção civil, agricultura e comércio, limitando suas possibilidades de crescimento pessoal, social e econômico, o que os mantém no estado de fragilidade citado por Mattedi, estado do qual dificilmente sairão, a não ser que hajam políticas sociais mais ativas.

Plural

Ramiro Ruediger é a opção de lazer preferida dos blumenauenses

Anualmente cerca de 400 mil pessoas visitam o parque localizado ao lado da Vila Germânica



Parque oferece pista para caminhada, ciclovia, playground, quadra poliesportiva, quadra de tênis e um lago com 4 mil metros quadrados **Foto: João Pedro F. de Moura**

Julia Gabriela Vanderlinde

O parque Ramiro Ruediger atrai cerca de quatrocentas mil pessoas por ano, segundo levantamento realizado pela prefeitura. Diariamente recebe desde praticantes de esportes a pessoas que simplesmente buscam um momento de lazer. Conquistando um papel importante para a promoção da qualidade de vida e bem estar da população de Blumenau, tornou-se um local imprescindível para a comunidade

A construção foi iniciada em 2004, em um terreno já destinado para área turística. Antes de se transformar no Ramiro, o terreno baldio era também ocupado pela empresa de reci-

clagem de Blumenau. “Todo lixo reutilizável de Blumenau vinha parar em um terreno aqui, que também já chegou a ser usado para a Oktoberfest e outros tipos de eventos”, conta João Paulo Taumaturgo, diretor do parque Ramiro Ruediger.

Atualmente com uma área de 45 mil metros quadrados, o ambiente comporta projetos para as mais variadas práticas. “Muitas coisas acontecem, mas nem todas possuem registro, porque ocorrem iniciativas independentes”, informa João Paulo. Também acontecem campeonatos de futevôlei, beach tênis, danças, atividades culturais como a Osterdorf (vila de Páscoa), Cinema no parque e o parque dos namorados. Com tantas opções, faz-se um agendamento prévio para que não ocorra

conflito de uso. “Mas claro, se alguém começar a tocar uma música nós não iremos proibir. Porém tem coisas que não comportamos aqui”, complementa João Paulo. Muito procurado para a prática de atividades físicas, o parque é valorizado por atletas amadores: “O Ramiro é uma grande atração cultural da cidade. Comecei frequentar o espaço em 2007 com o desejo de aprender jogar tênis. O parque possibilitou isso, por oferecer a quadra pública. Com isso também fiz vários amigos ao longo desses anos”, comenta Fabrício Henn, 32 anos, estudante de Engenharia Florestal que vai a quadra de tênis com frequência para jogar com seus amigos. O local também é destacada por atletas profissionais “O parque tem grande importância para

grupos de corrida e população em geral, se não me engano é o único espaço aberto onde existe uma pista específica para corrida e caminhada em Blumenau”, afirma Haiko Zimmermann, corredor profissional que mesmo não treinando no parque observa a sua relevância para o esporte na região.

A Secretaria de Turismo é responsável pelo ambiente. A manutenção é responsabilidade da empresa Urbe, contratada pela secretaria. “Tudo hoje parte da iniciativa pública. Nós temos vários projetos de melhorias, há emendas parlamentares em curso, sempre buscando avanços. Recentemente implantamos as quadras de beach tênis, que é uma modalidade que tem crescido bastante e aprimoramos as redes

da quadra de tênis também. O parque Ramiro, está em constante manutenção. Frequentemente temos equipes de patrimônio fiscalizando e realizando os pedidos de reparos”, finaliza João Paulo Taumaturgo.

“O Ramiro é muito bom para a cidade, para a qualidade de vida da população de Blumenau, também oportunizando um ambiente para novas amizades”, completa Fabrício Henn. De fato, o espaço oferecido pelo parque Ramiro Ruediger cada vez mais tem se efetivado como um grande contribuinte para a promoção do bem-estar da população blumenauense, principalmente aqueles que almejam uma vida saudável. Dessa forma, o espaço acabou se tornando um patrimônio imprescindível para Blumenau.

Plural

Iniciativas independentes a serviço do jornalismo no Vale

Comunicadores autônomos ganham espaço na produção de notícias em Blumenau

Gregory Martins

Competindo diretamente pela atenção do leitor, o jornalismo de foco regional desenvolvido no Vale do Itajaí ganha reforço a partir de comunicadores independentes que se destacam ao eliminarem a mediação dos veículos tradicionais, para contarem eles mesmos as histórias e os fatos de Blumenau e região.

A globalização tem no jornalismo uma ironia: de um lado a ampliação das comunicações em escala global, de outro a cobertura regional estrelando listas de tendências em estudos da área. Não à toa é da internet que ressurgiu o fenômeno dos comunicadores independentes, vozes que já publicaram a notícia da comunidade para a comunidade antes mesmo do noticiário do almoço ir ao ar. "Acredito que este 'novo modelo' de noticiar é fruto específico dos novos tempos da web. No mundo da web, de modo geral, temos muitas informações e poucas notícias... Porém, trabalhos independentes sérios sempre terão lugar no novo mundo da notícia", afirma Fabrício Wolff, presidente da Associação de Imprensa do Médio Vale do Itajaí (Assimvi). Hoje mais da metade dos domicílios brasileiros conta com acesso à internet e, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), do Governo Federal, no último ano o ambiente virtual foi eleito o segundo mais utilizado pelos brasileiros para consumo de notícias, perdendo apenas para a televisão.

É neste ambiente efervescente calçado no imediatismo que a comunidade tem sua voz reconhecida. Canais criados por iniciativas individuais começam não apenas a desenvolverem notícias, como também paradoxalmente estampam veículos muito mais tradicionais. "O meu papel para os cidadãos é como um amigo que busca informações. Muitas

vezes ajudando, orientando, esclarecendo dúvidas, incentivando, cuidando da saúde, informando sobre as condições do trânsito e do tempo, falando sobre turismo, cultura e lazer e muito mais. Sou um parceiro da comunidade para informar corretamente as melhores notícias da cidade", comenta Jaime Batista da Silva, 40, que há oito anos comanda o Blog do Jaime, canal Blumenauense que recebe mais de dez mil acessos diários.

Contador por formação, Jaime se diz apaixonado por jornalismo e reúne mais de 170 mil seguidores ávidos por novidades em suas redes sociais. "Acredito que falta – e muito – espaço para a comunidade. Precisamos abrir espaços para o povo e com isto selecionar as sugestões e matérias", afirma. Quem concorda é Borges In The Mix, 34, há oito dedicado às notícias da região: "as notícias locais têm um envolvimento muito grande com a comunidade porque muitas vezes é a comunidade que faz gerar uma boa notícia".

Sem a mediação já conhecida dos veículos tradicionais, cabe ao leitor atento identificar possíveis problemas neste fenômeno. "Quando se trata de algum assunto mais importante, procuro averiguar em alguma fonte mais segura, de maior credibilidade para ter certeza da informação", revela o cabeleireiro Claudioo Marin, 25, que não está só em sua busca por confiança.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, o meio online é o que menos inspira confiança no brasileiro. Para minar boatos e notícias falsas, a plataforma Google e a rede social Facebook, dois dos sites mais acessados no



Jornalista Fabrício Wolff, presidente da Associação de Imprensa do Médio Vale do Itajaí (Assimvi).

Foto: Julia S. Schaefer

país, recentemente lançaram ferramentas especializadas que avisam ao usuário sobre o conteúdo questionável que está consumindo. "Acredito que os veículos formais terão, sempre, a presunção da verdade e seriedade, da confiabilidade do público. Mas não quer dizer que o "independente" não possa conquistá-la. Vai ralar mais, vai ter que provar, vai demorar mais. Mas pode chegar lá", analisa Fabrício Wolff.

Jaime conhece bem a dificuldade de se construir credibilidade: "no início ninguém me dava muita bola, não era reconhecido. Eu ia nos eventos, ficava quietinho fotografando, sem ninguém me conhecer. Nos desfiles, não me davam atenção. Eu não tinha crachá de imprensa, e muitas vezes era excluído." Muito mudou desde que Jaime deu início a seu projeto e hoje o blogueiro orgulhosamente exibe suas fotografias que já

"O meu papel para os cidadãos é como um amigo que busca informações. Muitas vezes ajudando, orientando", diz Jaime Batista

figuraram na capa do Jornal de Santa Catarina. "Tive várias fotos na capa do Santa e isto mostrou que todo o meu trabalho foi valorizado por um veículo de imprensa tradicional da cidade", orgulha-se.

Nilton Agostini credita a confiança em seu trabalho a suas respostas aos leitores e no fato de nunca ter aberto suas fontes, um direito garantido pela Constituição Federal. Aos 60 anos, o aposentado investe tempo e conhecimento em seu perfil no Facebook onde publica cerca de seis notícias diariamente, cada uma curtida por cerca de 100 pessoas. "Faço meu próprio texto, bem resumido, porque a geração net não gosta de ficar lendo textos longos e cansativos e muito menos abrir sites para checar, até porque no celular perde muito tempo". Mesmo sabendo que seus posts mais polêmicos podem causar eventuais protestos, Nilton é firme: "procuro dar voz àquelas pessoas que não podem se manifestar por medo de perseguição, principalmente se são funcionários públicos, acontece muito em cidade pequena".

O caminho daqueles que



Selfie do blogueiro Jaime

tentam se destacar promovendo jornalismo de qualidade na região pode não ser fácil, porém promete ser frutífero. "As iniciativas independentes podem ter um papel importante no jornalismo regional, mas sempre dependerá de quem está à frente dela. Afinal, jornalismo é feito por pessoas", conclui Fabrício Wolff. Por muitos anos carente de cursos de graduação na área e com um histórico pautado pelo caráter parcial de seus primeiros jornais, a região do Vale vive hoje o reflexo de sua história e comunicadores independentes conquistam espaço.

Crise reafirma importância do jornalismo político

Debate promovido pela Furb teve lançamento de livro com pesquisa nacional

Yoana do Carmo

O plantão de notícias da Rede Globo ecoou na casa de milhares de brasileiros na noite de 17 de maio. A vinheta da emissora, que está marcada no imaginário brasileiro, trouxe mais um capítulo da crise política do país.

O furo de reportagem no site do jornal O Globo ao trazer trechos da delação de um dos donos da JBS, Joesley Batista, envolvendo o presidente Michel Temer (PMDB) e o senador Aécio Neves (PSDB), colocou mais uma vez em pauta o papel do jornalismo brasileiro na cobertura política, o embate ético que envolve veicular publicamente gravações relacionadas a investigações de corrupção.

Menos de 24 horas depois, a notícia que “abalou a República” ainda surtia efeitos no governo federal, economia e repercucia internacionalmente. Era mais um dia de caos na imprensa e política brasileira. Neste cenário, os alunos da quinta fase do curso de Jornalismo da Furb ajustavam os últimos detalhes para o lançamento do livro “Jornalismo Comparado: Um dia na imprensa

brasileira”, justamente no dia 18 de maio. Sem prever, organizaram um debate histórico sobre as consequências do impeachment de Dilma Rousseff, evento planejado desde fevereiro nas disciplinas Tópicos Especiais em Jornalismo e Rádiojornalismo II.

O livro reúne uma análise comparada de 13 jornais brasileiros sobre a cobertura da imprensa no dia 17 de Março de 2015, em retrospecto à primeira pesquisa feita de Jornalismo Comparado no país, em 1966, pelo jornalista e pesquisador José Marques de Melo. Cinquenta anos depois, a data pesquisada coincidiu com as manifestações pelo impeachment de Dilma.

O lançamento do livro trouxe a Blumenau um dos pesquisadores de Jornalismo Comparado, Ricardo Costa Alvarenga para debater com o jornalista de política Upiara Boschi, do jornal Diário Catarinense e o radialista Paulo César da rádio Nereu Ramos, com mediação do jornalista político e professor da Furb Clóvis Reis.

Ricardo Alvarenga apontou que a pesquisa mostra o poder da imprensa, uma prova clara da força do jornalismo: “na pesquisa avaliamos treze jornais, entre esses,



Debate trouxe especialistas de São Paulo e Florianópolis.

Foto: Yoana do Carmo

dez tiveram uma postura contra o governo da presidente, apenas dois silenciaram notícias sobre o tema, e um se manifestou favorável ao governo. Então por aí a gente já tem uma noção, mais ou menos de como é essa postura da mídia”.

No debate, alunos questionaram os jornalistas sobre as matérias que tratam da corrupção, nos processos da Lava Jato e Carne Fraca. Pelo Diário Catarinense, Upiara Boschi participou de coberturas como a do impeachment de Dilma Rousseff. Disse que as editorias de política ficaram bem atreladas às

investigações: “principalmente com o vazamento de informações, acaba se tendo uma competição de “quem vaza primeiro”. Mas eu acho que isso é natural, estamos com esse problema, mas é um dilema do nosso dia-a-dia.” Para Upiara, o jornalismo político deve contar com dois perfis profissionais em diálogo, o do jornalista investigativo e o do jornalista de bastidores.

Para o mediador da mesa, Clóvis Reis, “a Globo percebeu que não era uma notícia para “nota” ou uma “chamadinha”. Quem viu a chamada, o plantão com a

Renata Vasconcellos, nota como a Globo conseguiu numa chamada traduzir o significado daquele vazamento e depois a cobertura derrubando pauta, rompendo com a estética narrativa do Jornal Nacional. Isso, há 10 anos atrás a emissora não faria.”

Para além da discussão sobre o cenário político e a atuação do jornalista, outros temas foram discutidos, como a visão de mundo de cada profissional, os interesses de veículos de comunicação, democratização da mídia e o dever social inerente à profissão.

O livro Jornalismo Comparado: Um dia na imprensa brasileira foi realizado pela Editora da Furb e conta com a participação de pesquisadores do Curso de Jornalismo da instituição.



Caderno temático abre parceria com jornal Metas

Maria Júlia Spengler

Ter um texto publicado em um jornal renomado da região é abertura para poucos. Imagine ter um caderno inteiro. É essa a oportunidade que a turma do sexto semestre do curso de Jornalismo da Furb vivenciou em Gaspar, município com pouco mais de 66 mil habitantes, vizinho a Blumenau.

A experiência acadêmica que aproxima os estudantes da realidade do mercado se materializa em uma parceria inédita com o Jornal Metas, veículo gasparense conhecido e premiado estadualmente, inclusive por seus cadernos temáticos. O assunto escolhido para a edição especial de

junho é o comportamento dos jovens e sua relação com a sociedade. “Elaboramos de forma conjunta uma lista de temas, sendo que o da juventude, sugerido pela redação do jornal, acabou sendo o escolhido. A partir daí, os alunos elaboraram as pautas e buscaram as fontes em um trabalho totalmente independente”, conta Alexandre Melo, coordenador de redação do Metas.

O caderno especial é um projeto da disciplina de Laboratório de Escrita Jornalística Colaborativa, ministrada pelo professor Dr. Sandro Galarça. O objetivo desta atividade é praticar a escrita colaborativa e estreitar o contato com a profissão, publicando o resulta-

do em um veículo de circulação regional de importância para a comunidade e referência em credibilidade. Desta forma, o projeto alia a teoria aprendida em sala de aula com a prática jornalística.

Para o professor, o trabalho em grupo é o mais importante dessa experiência. “Por mais que a gente simule algumas situações do dia a dia na universidade, nunca reproduzimos fielmente o trabalho em equipe que os profissionais vivem nas redações”, explica.

Felipe Júnior é estudante do curso e vem diariamente para Blumenau do município de Jaraguá do Sul. Ele está matriculado na disciplina e ressalta a importância do projeto, que visa “colo-

car a mão na massa para cumprir desafios que cercam a nossa futura profissão como jornalista”. Deslocando-se de seu município para a universidade e para o Jornal Metas em cerca de 100 quilômetros, Felipe ganha uma experiência a mais no currículo de quem pretende investir em uma carreira jornalística regional. “A gente encarou o caderno especial do Jornal Metas com mais responsabilidade. O nome do jornal também estava em jogo, ou seja, precisava ser feito com uma qualidade maior ainda do que as atividades produzidas em sala de aula”, analisa o acadêmico.

Para o jornalista Alexandre Melo, a interação entre academia

e mercado de trabalho é fator de inovação. “Não existe diferença, ou se existe alguma, ela é apenas na nova visão que este grupo de profissionais está trazendo para o nosso jornal. É aquilo que se chama, no jargão, de ‘sangue novo’ e todo o veículo de comunicação deve estar aberto a propostas como essa”, avalia.

A República – criatividade aplicada, agência experimental do curso de Publicidade e Propaganda da Furb, é parceira do curso de Jornalismo nesse projeto. É a responsável por dar vida e colorido às páginas das matérias escritas pelos futuros jornalistas, através de uma diagramação diferenciada.

Comunidade

Voluntariado como forma de promover a igualdade social

Benefícios do trabalho voluntário vão muito além dos resultados demonstrados

Alice Kienen Gramkow
Felipe Junior
Maria Júlia Spengler

Não existe razão para ajudar o próximo na vida de Maria Helena Spengler. A gasparense não vê explicação lógica em doar-se, pois entende que olhar para o outro é algo inato do ser humano. “Esse sentimento desperta em mim cada dia mais”, revela com um brilho nos olhos.

Dedicar seu tempo para o trabalho voluntário faz parte do dia a dia de várias pessoas. Para algumas já se tornou uma necessidade. O escriturário Amauri Bornhausen, também de Gaspar, não encontrava sentido em esperar de outras pessoas algo que ele mesmo poderia fazer. “Quando ajudamos com amor, dedicação e comprometimento conseguimos ver as coisas se realizando, e também nos sentimos realizados”, conta. A socióloga Luciana Butzke defende que o processo é tão importante quanto o resultado final, pois ele engrandece a todos. “A sociedade ganha quando percebemos que o problema de quem está ao meu lado também é meu. O maior aprendizado é trabalharmos juntos”, explica.

O serviço voluntário passou a ter mais visibilidade graças às organizações não-governamentais e sem fins lucrativos que as disseminaram. O sociólogo e professor universitário Valmor Schiochet ressalta que essa atividade representa uma crítica às relações mediadas pelo dinheiro ou pela burocracia estatal. Entretanto, ele aponta uma barreira de que, mesmo o serviço voluntário apresentando solução rápida e desburocratizada para os problemas sociais, ele não altera a desigualdade entre o voluntário e o beneficiado. “Mas o potencial que ela apresenta como



Treino de Jiu Jitsu Cidadão na sede da associação de moradores da comunidade Sol Nascente. Foto: Alice Kienen Gramkow

promotora de vínculos de proximidade entre as pessoas é enorme”, reconhece Schiochet.

Ricardo Bortoli, também professor de Sociologia, esclarece que os serviços prestados de forma voluntária não diminuem a responsabilidade do Estado em garantir o acesso aos direitos da população, como saúde, educação, assistência social, habitação, políticas para pessoas com deficiência, entre outros.

Preocupado com o desenvolvimento da comunidade Sol Nascente, o presidente da Associação de Moradores do Bairro Ponta Aguda, Volmar Rodrigues, busca trazer atividades diferenciadas para a população. Sua satisfação é ver que cada dia mais pessoas têm interesse em participar destes momentos em grupo e interagir mais com os vizinhos.

Atividade voluntária

Além de oferecer aulas de ginástica para terceira idade, a

associação promove o Jiu Jitsu Cidadão, para ocupar o corpo e a mente dos jovens e evitar que eles passem muito tempo na rua. “Eles têm a gente como exemplo. Nós fazemos isso com amor e dedicação, não tendo em vista dinheiro”, explica Anderson Pereira, um dos professores voluntários do projeto.

Pela influência do irmão, Josué Leal Delcastanher participa do projeto. O estudante tem 16 anos e mora na República Argentina, uma das principais ruas da comunidade, e tinha um problema de mobilidade no braço esquerdo. “Entrei no esporte pela defesa pessoal, mas meu braço melhorou tanto que hoje luto com ambos”, comemora Josué. Depois de assistir ao UFC na televisão, Thiago Beffert Weber, 15 anos, por sua vez, resolveu buscar uma luta que o representasse. “Como o jiu jitsu não usa golpes de impacto, e sim de alavancas e imobilizações, foi o que melhor se encaixou comigo”, explica.

O projeto, que acontece na sede da associação, já conta com 20 crianças e 15 adolescentes, mas para participar eles precisam apresentar um boletim acima da média. “O foco é a educação. Se as notas estiverem ruins, o aluno só pode voltar a lutar quando elas estiverem melhores”, enfatiza Anderson.

Áurea Aparecida Zabel Rodrigues, esposa de Volmar Rodrigues, também auxilia nas atividades. Seus planos são começar aulas de costura, música, dança e de construir um parquinho infantil. Ela é responsável pela implantação da horta comunitária de chás com ervas medicinais, na sede. Mas admite que falta comprometimento dos moradores. “Todos gostaram da ideia, mas na hora de colocar a mão na massa são poucos os que com-

parecem. Se depender de mim e do meu marido a horta vai crescer”, comenta Cida, como é conhecida pelos vizinhos.

Nada é mais importante do que lembrar que os benefícios trazidos pelo trabalho voluntário afetam positivamente a todos. De acordo com o professor Ricardo, “na medida que adquirimos e incorporamos práticas cotidianas em benefício do bem comum,

“Nós fazemos isso com amor e dedicação, não tendo em vista dinheiro,” diz Anderson Pereira

contribuímos para uma sociedade mais justa e igualitária”. O sociólogo Valmor Schiochet conclui que o ideal seria que o trabalho voluntário estivesse voltado para a promoção da autonomia das pessoas, para a formação da consciência do seu lugar no mundo e para a sua constituição enquanto sujeito de transformação das condições sociais.

Esporte

Edemir Júnior
Sávio James

As modalidades esportivas profissionais de Blumenau vêm enfrentando ao longo dos anos suas maiores dificuldades no setor financeiro, através da falta de apoio das empresas privadas e do poder público.

O esporte profissional em Blumenau carece de patrocinadores, seja pela crise econômica que o país vive, ou somente pela falta de interesse das próprias empresas. Para fortalecer o apoio ao esporte, o governo do Estado de Santa Catarina elaborou a Lei nº 13.336, de 8 de março de 2005, referente à Lei de Incentivo ao Esporte profissional, que possibilita às empresas patrocinadoras do esporte, isenção em 5% de impostos.

A Joclamar Materiais Elétricos, patrocinadora do futsal e do futebol, através de seu porta-voz, Marcos Zata Borges, relata que existem grandes dificuldades para apoiar o esporte profissional blumenauense. “As empresas não investem no esporte profissional porque o retorno financeiro é muito pequeno, e o retorno ao patrocínio fica muito dependente do desempenho da modalidade. A modalidade tem que estar indo bem para o patrocinador ter melhores resultados”, alega Marcos.

Para Márcio Adriano, diretor comercial da Associação Professor Artur Novaes (Apan), além das dificuldades de conseguir patrocínio, a falta de apoio do poder público também é um grande problema. “Sem dúvida alguma há pouca participação do poder público no projeto. Lembramos que quando se fala em poder público não estamos falando exclusivamente de verbas de patrocínio, mas um apoio maior no auxílio da estrutura para atletas. Por exemplo, na disponibilidade de ginásio e na logística”, explica Márcio, elucidando o projeto da equipe blumenauense.

“Hoje, apesar do salário pago aos jogadores não serem altos, tentamos compensar com algumas bolsas de estudos, bolsa atleta, acesso à moradia e com a nossa estrutura. Lembramos também que o planejamento da Apan é fundamentalmente focado na formação de futuros esportistas. O que dificulta a efetivação desses jogadores é o baixo orçamento que estamos trabalhando”, destaca Márcio Adriano, o qual lembrou também que na última Superliga B, a Apan tinha o sétimo orça-

Por que é tão difícil fazer esporte em Blumenau?

Falta de patrocinadores é um dos maiores empecilhos



mento no total de nove equipes, e mesmo assim conseguiu a classificação para a fase seguinte.

Com a falta de apoio tanto de patrocinadores quanto do poder público, os salários dos técnicos e as bolsas dos atletas ficam comprometidos. Porém, para o técnico do Blumenau Basquete Feminino, João Camargo Neto, o baixo salário não afeta o desempenho dos atletas. “Acho que nós temos grandes destaques, apesar das dificuldades. Não acho que a questão salarial seja um impedimento para o surgimento de grandes talentos,

embora reconheça que se o atleta tem um bom retorno financeiro através da sua modalidade esportiva, isso agregaria muito mais valor”, salienta Camargo.

Com exceção do futebol, que necessita de uma estrutura muito maior que nos outros esportes, tanto basquete quanto futsal, handebol e vôlei têm boas estruturas para treinar e jogar. Na cidade, há várias quadras e ginásios, como o do clube da ADHering e do ginásio Sebastião Cruz, o popular Galegão. Para o técnico Serjão, do Apab Basquete, além das estrutu-

ras boas para treinos, o clube está constantemente melhorando sua parte médica. “Hoje, contamos com fisioterapia, exame de imagem, suplemento, yoga, enfim, tudo que um atleta precisa para desempenhar em alto nível seu trabalho”, revela o técnico.

Para o técnico do time de handebol feminino de Blumenau e da seleção brasileira, Sergio Graciano, as estruturas são boas, mas falta destaque da mídia para as demais modalidades além do futebol e uma massificação do esporte feita pela prefeitura.

“Somos a única equipe do país com mais de 70% dos atletas da cidade, e estamos há mais de 11 anos entre os quatro do Brasil na Liga Nacional. Isso sem ter muito apoio da iniciativa privada, mas tentamos sempre estar em alto nível, e sempre investindo na base”, ressalta o técnico.

O Público

A média de público dos jogos profissionais em Blumenau afeta diretamente o desempenho da modalidade. Em sua grande parte, os torcedores presentes nas competições não chegam perto da metade da capacidade dos ginásios. Alguns esportes profissionais, por ter maior aceitação da população, não sofrem tanto com isso, caso do vôlei da Apan e do futsal. Para Sidnei Batista, assessor de imprensa do Blumenau Futsal e do basquete Apab, o torcedor é movido a paixão: “Você descobre os torcedores fiéis nos momentos difíceis, enquanto nos momentos positivos a arquibancada contrapõe com um público de momento. Isso é uma realidade que ocorre em Blumenau, mas também é importante ressaltar que ocorre em qualquer canto do Brasil”, declara Sidnei.

Através dos dados coletados em uma pesquisa na Fanpage de cada esporte, observa-se que o envolvimento do morador blumenauense é cada vez mais necessário para o sucesso do esporte profissional, mas não se pode deixar somente para o torcedor a responsabilidade de manter o sucesso da modalidade por que ele tem simpatia. Para o crescimento será necessário contar com o apoio das empresas privadas e com a centralização dos esportes em apenas um lugar. Esta seria a principal ação a fazer para valorizar os esportes profissionais de Blumenau. Este lugar já existe, se chama ginásio Sebastião Cruz, o popular Galegão, e nele seria possível colocar mais de 3.000 pessoas, e com sua ótima localização, tornaria o acesso aos jogos mais fácil.

Porém, o ginásio não possui as medidas para maioria dos jogos oficiais, com exceção das médias da quadra para os jogos de vôlei, o que dificulta essa mudança. “Existe um estudo para que seja feita a adequação de medidas no Galegão, mas agora isso é um problema da esfera política”, afirma Sergio Graciano. Mudanças precisam ser feitas, principalmente da iniciativa privada, pois Blumenau possui excelentes times nas modalidades que atuam.



"Não consigo respirar"

João Pedro Fraissat Moura

Foi o que disse Travis Pit-skongna, um jovem negro sul africano universitário de 19 anos ao ser asfixiado por um policial branco que o detia por ter defendido o direito dele e de seus outros cinco amigos negros que caminhavam pelas ruas de Camps Bay no dia 15 de fevereiro de 2016 na Cidade do Cabo, África do Sul. Por muito pouco, Travis não morreu. "Não consigo respirar" foi o que também falou Eric Garner, negro de 43 anos, antes de morrer em Nova York, depois de um policial branco enforcá-lo.

Nesse dia 15 de fevereiro, eu era um dos amigos de Travis. Conhecido em um bar na rua Long Street, uma semana após ter embarcado na Cidade do Cabo para realizar trabalhos voluntários. Ele estava lá, alegre e sorridente, divertindo-se com seus outros amigos negros depois de uma semana atribulada na Universidade de Cape Town. Logo que entrei no bar com um grupo de outros voluntários brasileiros, Travis sorriu para nós ao ver a camiseta do Rio de Janeiro.

Bastaram alguns minutos para que fosse até nós com um caloroso "amigos brasileiros!", improvisando no seu por-

tuguês arrastado. "Sentem-se conosco!", disse após ter reparado que estávamos sem mesa. A resposta dos brasileiros foi unânime: "Claro! Pode ser! Muito obrigado!". O rapaz, sempre muito simpático, apresentou-nos seus amigos de faculdade. Todos jovens negros, educados e receptivos.

Daniel, estudante de Comércio Exterior, nos disse que sempre quis conhecer o Brasil, principalmente o Rio de Janeiro. "Amo o Brasil. Muito parecido com a África!", disse, animado com a nossa presença. O que Daniel falou eu realmente pude comprovar na minha estadia de um mês na Cidade do Cabo. Incrivelmente todas as vezes que eu pegava um táxi ou fazia amizade com algum negro ou negra em algum lugar, todos tinham a mesma reação. Me chamavam de irmão, me abraçavam e falavam sempre o quanto amavam o Brasil. Realmente, somos povos muito parecidos. Até mesmo na questão da segregação racial e do racismo. Antes de nos despedirmos, trocamos contatos e combinamos de irmos passar o domingo em Camps Bay Beach, um bairro majoritariamente branco.

Chegando em Camps Bay pela tarde, marcamos de nos encontrarmos em um bar. Sentamos e ficamos conversando a tarde inteira. Cinco jovens negros aproveitando o domingo. O clima era

agradável, a música era boa. Quando o pôr do sol se aproximava, resolvemos dar uma volta pelas ruas do bairro. Depois de uma longa caminhada, decidimos sentar na calçada para descansar um pouco.

Após dez minutos, vimos viaturas de polícia se aproximando, mas jamais pensaríamos que os policiais nos abordariam. Não estávamos fazendo nada, apenas sentados em frente a uma casa. Mas foi quando as viaturas pararam na nossa frente, as portas se abriram e os policiais desceram que a nossa ficha caiu. Até então, eu não estava entendendo nada. Travis, revoltado com a situação, tomou a nossa frente e disse aos policiais que não estávamos fazendo nada, apenas sentados. Todavia, os policiais (brancos) não quiseram dar ouvidos a Travis e, instantes depois, um policial o enforcou com o seu cacetete, enquanto outro policial o algemava e outros dois o seguravam pelos pés para colocá-lo dentro da viatura.

Eu não sabia como reagir. Não acreditava no que estava acontecendo. Um jovem negro ser preso na África por estar sentado na rua. Eu e os outros amigos, assustados, fomos embora. Cada um para um canto. No dia seguinte, fui conversar com a coordenadora da ONG, Bernelle. Já que a mesma é historiadora, pensei que ela teria como me explicar melhor o que havia acontecido. Ela me

contou que o apartheid na África do Sul acabou apenas na teoria. "É muito fácil você falar que uma coisa comum em uma sociedade, porém errada, acabou sem você mudar a mentalidade das pessoas. É o que acontece com o apartheid por aqui. Ainda hoje é muito comum você ver colégios apenas para negros e colégios apenas para brancos", afirmou.

Junto com Bernelle, naquele dia, estavam presentes também suas amigas. Pattishwa, estudante universitária, e Bridgette, repórter do jornal Cape Times. Ambas negras e que também sofreram racismo. Pattishwa contou-me que a segregação está presente até mesmo nas universidades. "A sala de aula é dividida. De um lado ficam os brancos e de outro ficam os negros. Quando há trabalhos em grupo, nenhum negro faz par com brancos e vice-versa. Parece um círculo vicioso." Já Bridgette contou-me o quanto sofreu e ainda sofre por ser negra em seu trabalho. "Muitas vezes tenho que entrevistar brancos, mas a maioria deles não tolera ser entrevistado por mim. Acabam ligando para o jornal e pedem para que uma repórter branca vá entrevistá-los. É chocante você não poder exercer a sua profissão por causa da cor da sua pele", conta Bridgette.

Até hoje, não tenho notícias de Travis. Não sei se ele está vivo ou morto por um sistema racista.